

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
 JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e impressão
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TELEFONES—2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O RECENTE conflito polaco-litua-
 no veio pôr em foco a situação
 paradoxal em que se encontram aque-
 les dois países desde 1920. Separada
 da Russia depois da revolução, a Li-
 tuania via a sua independencia re-
 conhecida pelos aliados em 1919. As
 suas fronteiras foram fixadas, do lado
 da Russia e da Letonia, pelos tratados
 de Riga de 18 e 31 de março de 1921
 e do lado da Alemanha pelo tratado
 de Versailles, que lhe deu Memel.

Do lado da Polonia, as potencias
 aliadas estabeleceram uma fronteira
 que deixava Vilna para a Lituania.
 Sucede, porém, que esta cidade viu-
 se compreendida no campo de opera-
 ções da guerra russo-polaca em 1920.
 Assinando com a Russia em 12 de ju-
 lho de 1920 um tratado de aliança, a
 Lituania entrou na posse de Vilna
 que lhe foi conferida por aquele país
 em 28 de agosto de 1920. A cidade es-
 tava então ocupada pelas tropas rus-
 sas comandadas pelo general Bu-
 dienny.

Após a derrota dos russos, o gene-
 ral polaco Teligowski atravessou a
 fronteira recentemente fixada e apo-
 derou-se de Vilna. Passava-se isto em
 14 de outubro de 1920.

A conferencia dos aliados aceitou o
 facto consumado e foi por seu inter-
 medio que cessaram as hostilidades.
 A Lituania inclinou-se perante a for-
 ça, mas não se resignou nunca a per-
 der Vilna, sua antiga capital. Nunca
 as relações diplomaticas entre os dois
 países se haviam reatado. A linha de
 demarcação que separa os dois países
 não era uma fronteira, era uma mu-
 ralha entre dois inimigos, uma espe-
 cie de no man's land por onde não
 circulavam comboios, nem automo-
 veis, nem havia relações postais. Di-
 plomaticas muito menos.

E' este estado de coisas que vai re-
 mediar-se após a aceitação do ultima-
 to dirigido pela Polonia ao seu pe-
 queno vizinho.

* * *

E' AMANHÃ, pelas 21 e 30, que
 o antigo deputado sr. Camilo
 Rodrigues realiza na Sociedade de
 Geografia, a primeira conferencia
 duma serie de quatro que se propõe
 levar a efeito subordinada ao tema
 «A evolução Social», em que se ocupa-
 rá do estudo científico do movimento
 das forças economicas, sociais, poli-
 ticas e psiquicas desde as sociedades
 primitivas até á actualidade.

* * *

A CRUZ de Ferro é a condecora-
 ção alemã de maior prestigio
 militar, e foi fundada ha 125 anos pe-
 lo rei Frederico Guilherme da Prus-
 sia.

As grã-cruzes só raramente são con-
 cedidas. Nas guerras contra Napoleão
 foram dadas apenas quatro, na guer-
 ra de 1870 sete, e na guerra de 1914-18
 receberam-na apenas Hindenburg,
 Ludendorff, Mackensen,, Leopoldo da
 Baviera e o Kaiser, é claro.

SOBREVIVENTE

Antero de Quental é um dos nossos escritores que convem ler, de vez
 em quando. Ha nele uma actualidade profetica que significa juventude
 perene. O seu dom de poeta extralimita-o, em relação aos problemas da
 sua época: vê para além dos acontecimentos que interpreta livremente,
 inteligentemente, excepto quando recorre a conceitos filosoficos que lhe
 embarçam a limpida visão do mundo em que vive. Numa carta a Oli-
 veira Martins diz o seguinte:

—«Eu vou indo, mais ou menos ameaçado da enfermidade mistica,
 que sobretudo me assalta no inverno; mas resisto sempre e trabalho,
 ou melhor, resisto porque trabalho».

Duma maneira geral foi um nomada impenitente—ao mesmo tempo
 espiritual e material, na alma e no corpo. Quando se julgava transfor-
 mado—após o seu regresso definitivo a Ponta Delgada—«dum dia para o
 outro, de excentrico em homem normal e de selvagem em pai de familia
 e cidadão», tomou a decisão mais oposta á aparente renuncia em que
 caíra—o suicidio.

Antero que andara incansavelmente a rolar atrás de si proprio, em
 demanda do verdadeiro Antero.—Quem sou? Porque sou? Para que
 sou?—arrastou consigo, no pensamento atribulado, uma das maiores
 dores do seculo, porque era talhada por igual na sua carne e na sua
 alma. São os homens da sua tempera e vocação que costumam pagar as
 dividas da humanidade, sacrificando-se real ou imaginariamente, em
 beneficio de idéas e ideais que modelam e apressam o futuro.

Na sua obra—variada, dispersa, inquieta, ora amoravel ora amarga,
 apocalitica ás vezes, desencontrada e contraditoria—temos de distinguir
 a quantidade da qualidade. O seu talento de visionario confunde fre-
 quentemente o que vê com o que sente—isto o leva a tomar a vibração
 da sua sensibilidade como sendo o exacto estudo e observação dos factos.
 Engana-se, mas generosamente, legando aos vindouros o seu exemplo
 com esta menção—«a verdade conquista-se com o risco da propria
 tranquillidade».

Quando, porém, se desanuvia, subindo acima da sua doença—a doen-
 ça na gente vulgar provoca banais gemidos ou gritos, mas em Antero
 determinou uma evasão para o infinito—a sua percepção torna-se nítida,
 a sua critica inteiramente segura. Aventurou-se á questão politica
 e social, com todo o ardor e febre da mocidade, antevendo a criação
 duma sociedade proudhoniana, e mais tarde marxista, de que Oliveira
 Martins ia esboçando o plano, ás apalpadelas.

Numa longa carta ao autor da «Historia da Civilização Iberica»
 recomenda decisão contra a «fantasia republicana»:

—«Urge que ninguém nos tome nem por jacobinos nem por comu-
 nistas».

Detestava as declamações inúteis, retoricas, onde as palavras, de-
 sacompanhadas de reflexão, lhe produziam o efeito de «egipcios destina-
 dos a naufragar nas aguas do Mar Vermelho». Nunca sympathizou a
 valer com a politica profissional, por lhe parecer que os politicos se es-
 treavam como doutrinaristas e de duas uma—ou se corrompiam, advogan-
 do e servindo interesses inconfessaveis, ou se arrependiam, voltando á
 solidão, desolados com as magoas do insucesso.

Ao ver que Oliveira Martins—tão moralmente puro, tão digno men-
 talmente e tão affectuoso—era atraído para a «fatal experiencia» quiz
 dissuadi-lo, lembrando-lhe que enveredasse por outro rumo—a activida-
 de bancaria:

—«E, se lhe der ainda para filosofar, não vejo incompatibilidade al-
 guma entre o governo dum Banco Nacional e a filosofia social—pelo
 contrario».

Os fados dispuzeram que Oliveira Martins sobraçasse, desprevenida-
 mente, a pasta da Fazenda, numa hora desesperada, alucinante. O con-
 templativo derivou para o mar das Tormentas onde as velhas raposas
 matreiras o obrigaram—parlamentarmente, bem entendido—a refazer
 a «historia de Portugal» em episodios grotescos. Antero, a-pesar de ca-
 minhar para a morte, sofreu com a injustiça que chegou a ser villpen-
 dio. Recolhido em S. Miguel, sem forças para se agarrar a uma espe-
 rança, com a consciencia a esfarrapar-se-lhe como vela que o vento
 rasga em pedaços, oferece ao Nirwana o que o proprio Nirwana não
 aceita—o desespero.

LOYD George, a despeito das dis-
 cordias que a sua acção na con-
 ferencia de Versailles e as suas attitu-
 des politicas por vezes tenham provo-
 cado em França—é estimado e admi-
 rado neste país.

Ha dias chegou a Paris e foi logo
 assediado por muitos jornalistas, dis-
 postos a fixarem as suas frases niti-
 das, concisas, truculentas, e por isso
 mesmo cheias de interesse.

O antigo Primeiro Ministro de Jorge
 V pouco quis dizer. «Se eu transmitis-
 se tudo quanto penso, os senhores não
 teriam coragem para publicar».

Em todo o caso deixou cair esta fra-
 se:

—O governo de Inglaterra, actual-
 mente, parece-me cego como os mor-
 cegos.

Um seu amigo francês interrogou-o
 na «gare» acerca do que Lloyd George
 faria mal chegasse á cidade.

—Irei inclinar-me diante do tumu-
 lo do soldado—conhecido

O soldado em que pensava o mor-
 dez chefe politico era Foch.

* * *

ILUSTRE professor do Instituto
 Superior de Agronomia, dr. Luiz
 Cincinnato da Costa, publicou «O pro-
 blema do Azeite em Portugal»—sepa-
 rada dos «Anais do Instituto Superior
 de Agronomia». E' um trabalho sinte-
 tico escrito com ciencia e competen-
 cia. Recomendamos a sua leitura, por-
 que instrui, educa e combate idéas ou
 arcaicas ou confusas.

* * *

SR. major Carlos Selvagem re-
 pete depois de amanhã, sabado,
 ás 22 horas, na Sociedade de Geogra-
 fia, a notavel conferencia que disse
 em Berlim versando o tema «A obra
 de reconstrução do Imperio Colonial
 Português sob o signo de Salazar».
 Preside o sr. ministro das Colonias.

* * *

INHAMOS recebido algumas car-
 tas de moradores do «Bairro
 Azul» cujos signatarios se queixavam
 de não haver iluminação nas ruas.
 Escreve-nos o sr. Carlos Correia que
 nos diz o seguinte:

—«A luz reapareceu esta noite, quei-
 ra Deus que para sempre!».

* * *

PELO «Monte Sarmiento», que che-
 ga a Lisboa depois de amanhã,
 é esperado o moço e ilustre escritor e
 romancista brasileiro Jorge Amado,
 que tem no nosso país muitos admira-
 dores e nele conta demorar-se uns
 seis meses.

* * *

ENCONTRA-SE em Lisboa o sr. dr.
 Raul Bensaude, que reside em
 Paris ha largos anos, sempre consi-
 derado como grande medico e notavel
 professor.

A' margem da semana

O respeito da Lei

Nós, portugueses, somos, em geral, pouco disciplinados. Custa-nos a sujeição à lei e gostamos de a atropelar por espírito de independência, porque queremos guiar-nos pela nossa cabeça, mesmo nos assuntos que mal conhecemos e às vezes, até, por humorismo, porque nos parece divertido fazer uma coisa proibida, arrelhar alguém...

Se um polícia nos diz: por aqui não se passa, temos mais vontade de passar. No campo, se um valado faz vedação a uma propriedade, saltamos o valado, para encurtar caminho ou simplesmente porque o encontramos diante dos olhos. Quasi nunca respeitamos as horas marcadas, ainda que isso incomode o próximo; quasi nunca respondemos às cartas a tempo e horas, ainda que essa falta nos prejudique—enfim, é certo que, duma forma geral, nos repugna sujeição, pontualidade, disciplina.

Neste feitiço ha, sem duvida, o seu lado pitoresco e que corresponde a determinadas qualidades evidentemente aproveitáveis, como personalidade, inteligência, viveza, mas compreende-se, também, que é preciso modificá-lo, que já se está modificando, e que a sociedade de hoje já entende que deve sujeitar-se a leis, nortear o seu pensamento e disciplinar os seus impulsos.

A sujeição à lei é necessaria; tanto nos que mandam como nos que obedecemos.

No livro da princesa Bibesco Imagens d'Epinal, num capitulo que se refere a Inglaterra, a autora conta o seguinte e significativo episodio:

A arquiduquesa Estefânia, mulher do tristemente celebre Rodolfo da Austria, quando ainda era herdeira do trono dos Habsburgo, fez uma visita oficial a Inglaterra, no reinado da rainha Vitoria.

A arquiduquesa tinha um cão, que a acompanhava para toda a parte, e sabendo que, em Inglaterra, esses animais só podem entrar depois de longa quarentena, escreveu directamente a rainha, para que o cão predilecto fosse dispensado dessa formalidade, visto que a sua visita duraria apenas três dias.

A rainha Vitoria respondeu textualmente:

Y am not in a position to go against the laws of my country.

E assinou: Vitoria R. I.

Quere dizer: aquela que tinha o direito de assinar Rainha e Imperatriz reconhecia e afirmava «que não estava em posição de proceder contra as leis do seu país.»

A princesa Bibesco considera que neste respeito total da lei está o segredo da longevidade da monarquia inglesa.

MARIA DE CARVALHO

Noticias de Cativels

CATIVELOS, 23

LOBOS NO POVOADO—Os lobos fizeram casa de pasto dos bardos do gado no Monte Aljão. Rara é a noite que não são atacados os redis por três corpulentos animais, que há mais dum mês descem áquelas paragens. São muitas as cabeças de gado desaparecidas.

O TEMPO—Ontem e hoje caiu abundante neve nesta região, acompanhada de chuva. A temperatura desceu muito. A Serra da Estrela apresenta um aspecto surpreendente.

REX-BAR

R. Nova da Trindade 13-15
Telef. 27391

Drinks, Almoços, Jantares concerto com frequência seleccionada.

Todos os dias esplendido serviço de cozinha os melhores Drinks.

Preços correntes. Hoje concerto retransmitido pela Emissora Nacional das 23 ás 23 e 30.



O fado no seu verdadeiro ambiente
Cantam hoje: Maria do Carmo Torres, Judith Pinto, Alfredu Duarte (Marceneiro) e José Pereira.

Marcam-se mesas e frisas pelos telefones 21503 e 27483. Os bilhetes dão livre entrada ao PARQUE MAYER

O dia religioso

AMANHÃ, 25—Anunciação de Nossa Senhora.

Lausperene, está na igreja da Encarnação, ás 12, festa a Nossa Senhora da Encarnação, por instrumental; ás 18, sermão pelo rev. Carolino de Carvalho e «Te-Deum».

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos.

Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

Festas de N. S. da Boa Viagem

CONSTANCIA, 13.—Constituída por indivíduos que representam as forças vivas desta terra, está organizada, tendo já iniciado os respectivos trabalhos, a comissão que levará a efeito as festas em honra de Nossa Senhora da Boa Viagem, que devem realizar-se nos dias 17 e 18 de Abril próximo, as quais costumam atrair a esta vila grande numero de forasteiros. Consta que a Companhia dos Caminhos de Ferro estabelecerá bilhetes especiais de ida e volta para estas festas, o que certamente aumentará o numero de visitantes. Já está contratada uma das melhores bandas de musica da região, sendo o fogo de artifício fornecido por um habil pirotecnico. O produto liquido dos festejos, reverte integralmente em beneficio da Santa Casa da Misericórdia deste concelho.

CREMIO DE TRÁS-OS-MONTES

O Gremio de Trás-os-Montes, cujas festas se caracterizaram sempre por uma agradável nota de elegancia, está a organizar para a «enicarème» uma reunião semelhante áquela que realizou em terça-feira de Carnaval e que tanto exito alcançou. Os convites já estão a ser distribuidos. Os socios que pretendam assistir á festa devem fazer a sua inscrição na secretaria do Gremio, praça Rio de Janeiro, 1.º.

CONFERÊNCIAS

É hoje, quinta-feira, pelas 21 e 30, que o sr. Santiago Kastner realiza na Universidade Popular Portuguesa, rua Luiz Derouet, a 2.ª das suas conferencias sobre «Problemas da Musica Contemporanea». Esta conferencia é ilustrada com trechos de musicas de diversos autores. A entrada é livre.

DE FÓTO

D. Maria Helena Valente Perfeito Bruto da Costa

Faleceu a sr.ª D. Maria Helena Valente Perfeito Bruto da Costa, filha da sr.ª D. Ena Valente Perfeito Bruto da Costa e irmã do sr. Bernardo Francisco Bruto da Costa. O seu funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, da avenida da Republica, 35, 3.ª, para o cemiterio dos Prazeres.

Funerais e Trasladações

AGENCIA ALVES
44 — Rua Nova da Trindade
Telefone 2 7523
113 — Avenida Almirante Reis
Telefone 4 1602

GATUNO REINCIDENTE

NISA, 22.—Depois de varias diligencias empreendidas pelas autoridades administrativas e pela Policia, apurou-se que o autor do arrombamento da caixa de esmolas da ermida de N. S. da Graça, ha dias noticiado, foi Joaquim Ribeirinho Pestana, o «Cananão», que se encontrava preso por ter praticado outro roubo em casa duma vizinha. Apesar de novo, tem já uma cronica notavel no capitulo da rapinagem. A sua primeira proeza foi um roubo na Cooperativa da Hidro-Eletrica, onde era empregado. E' casado e parece que a mulher não era estranha ás suas gatinices.

na prisão de ventre

DRALAX
FARMACIA ESTACIO

OLIMPIA CLUB

HOJE — GRANDIOSO BAILE DA MI-CAREME
NOITE DE FESTA E ALEGRIA EVOCATIVA DO CARNAVAL
com o concurso do gracioso TRIO LIBERTAD 3 lindas e esculpturais bailarinas e das artistas MIMI SAMANIEGO e NATI BENITO

EDEN-BAR

HOJE

Baile de Mi-Carême

Cotillon — Surpresa — Orquestras EDEN - JAZZ

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato
18 X 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.ªs:

Viscondessa de S. Sebastião, D. Adelaide Augusta de Moraes Machado, D. Maria do Emilia Bialho de Mendonça, D. Capitolina Freire de Matos Cordeiro, D. Maria Josefina Wrem da Silveira Viana, D. Maria Eugénia Barbosa de Magalhães Serodio (Sabrosa), D. Vitoria de Almeida Afonso dos Santos, D. Maria Gabriela Cabral da Camara Pereira e D. Maria de Lourdes da Silva Euzébio.

MISSÃO MILITAR INGLESA

Em honra da Missão Militar Inglesa, que se encontra em Portugal, ofereceram no salão de mesa do Palacio Hotel, do Estoril, um jantar o sr. comandante Ortins de Bettencourt, illustre ministro da Marinha, e sua esposa a sr.ª D. Isabel Ortins de Bettencourt, tendo sido convivas: embaixador de Inglaterra e lady Selby, embaixador Teixeira de Sampaio, almirante Woodhouse e esposa, almirante Mata de Oliveira e esposa, brigadeiro Tasso de Miranda, coronel Chamberlayne e esposa, coronel Fried e esposa, coronel Daly e esposa, capitão de mar e guerra B. de Sousa, major Jayne e esposa, capitão Webb e esposa, tenente-coronel Antonio Maia, comandante Duarte Silva, 1.º tenente Sales Henriques, 1.º tenente Henrique Tenreiro e D. Elizabeth Tenreiro.

No final do jantar, o sr. ministro da Marinha levantou a taça pela Inglaterra, agradecendo-lhe o sr. almirante Woodhouse, que brindou por Portugal.

CASAMENTOS

Presidido pelo prior da freguesia, reverende dr. Lirio, que no fim da missa pronunciou um brilhante allocução, celebrou-se na paróquia de S. José, com a maior intimidade, o casamento da sr.ª D. Carmen Raquel Bérnès, com o sr. Humberto Frederico Fragoso de Vasconcelos, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Isabel Bérnès Santos, mãe da noiva e D. Julieta de Vasconcelos Brandão Paio, irmã do noivo e de padrinhos os sr.ªs Carlos Bérnès, irmão da noiva e Armando de Vasconcelos, distinto artista empresario e irmão do noivo.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia do irmão e padrinho do noivo, um finissimo almoço, recebendo os noivos um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

DOENTES

Foi operada com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a menina Maria do Ceu Alves.

Michel

aderencia rara
perfume subtil
cores
encantadoras

Barbosa & Costa L. da

Além das mais artisticas e modernas mobilias e das maiores novidades para decorações, apresenta nos seus salões uma linda colecção do melhor tapete Português

HALCA

Largo Rafael Bordalo Pinheiro 11
telefone 23502

BANQUETE DE HOMENAGEM

Como estava anunciado, realiza-se hoje, pelas 20 e 30, no Club Maxim's, o banquete de homenagem ao sr. coronel-medico dr. Manuel Glão, director do serviço de saúde militar, oferecido por um numeroso grupo de medicos e farmaceuticos militares.

BOLSA DE LISBOA

24 de março
CONTADO

VALORES	Actual	Compra	Venda
Fundados do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936 ..	956\$00	—	956\$00
4 0/0 1934 ..	985\$00	—	986\$00
Empréstimo 4 1/2 0/0 1912 ..	1.022\$00	1.022\$00	1.022\$00
Consolidado 4 1/2 0/0 1933 ..	1.063\$00	1.142\$00	1.144\$00
4 3/4 1934 ..	1.063\$00	1.063\$00	1.065\$00
Externo 3 0/0 1.ª Série ..	1.697\$00	1.697\$00	1.698\$00
3 0/0 2.ª ..	—	—	—
3 0/0 3.ª ..	1.700\$00	1.698\$00	—
Autelas s/ juros 3.ª Série ..	—	160\$00	162\$00
Ações			
BANCOS			
Esprito Santo e Comercial de Lisboa ..	762\$00	—	—
Lisboa & Açores, port., ..	374\$00	373\$00	375\$00
portugal, portador, ..	—	1.120\$00	1.125\$00
C.ª DE SEGUROS			
Ionançã ..	—	—	—
Fidelidade ..	—	—	—
Mundial ..	—	245\$00	250\$00
Nacional ..	—	—	750\$00
Agres ..	—	—	—
Lagos ..	—	1.300\$00	—
C.ª DIVERSAS			
P. ordinaria ..	—	—	—
privilegiadas ..	9\$10	9\$10	9\$50
Aguas de Lisboa, port., ..	270\$00	267\$00	272\$00
ass. 1934 ..	—	—	154\$00
ass. 1936 ..	149\$00	—	—
Credito Predial ..	10\$00	9\$ 5	10\$00
Gaz e Electricidade ..	3.88\$00	307\$00	308\$00
Portugal e Colonias ..	86\$50	85\$00	86\$50
Navegação ..	138\$50	138\$00	138\$50
Portuguesa de Pesca, ..	29\$00	—	—
de Tabacos, ..	398\$50	397\$00	399\$00
Tabacos de Portugal, ..	—	355\$00	360\$00
Tabaqueira ..	—	516\$00	—
União Electrica Portug., ..	—	—	—
S. I. Pharmaceutica ..	—	290\$00	295\$00
COLONIA			
Açúcar de Angola ..	373\$00	371\$00	375\$00
Busi — 1.ª emissão ..	—	—	46\$00
— 2.ª ..	—	—	—
da do Principe, as.	361\$00	360\$00	363\$00
Obrigações			
P. 0. 0/0 ..	163\$00	162\$00	—
Redeais 0. 0/0 — 1932 1.ª S ..	—	—	91\$00
7. 0/0 ..	104\$00	103\$50	104\$00
União Elect. Portug. 6 1/2 0/0 ..	—	—	114\$50
5. 0/0 ..	104\$50	104\$00	105\$00
Busi 6 1/2 0/0 ..	120\$00	119\$50	120\$50

Obrigações do Tesouro 3 1/2 0/0

Accepta inscrições e presta todos os esclarecimentos sobre titulos do Estado Português.

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor official—Rua S. Julião, 69

Telefone 2 5482

CAMBIOS

MOEDA	Compra	Venda
Londres ..	110\$15	110\$19
Paris ..	\$67,9	\$67,9
Madrid ..	\$37,6	\$37,7
New-York ..	22\$20,4	22\$21,7
Zurich ..	\$68,9	\$69,2
Roma ..	\$16,8	\$16,8
Bruxelas ..	\$37,4	\$37,6
Amsterdã ..	12\$27,8	12\$28,5
Berlim ..	\$890,2	\$890,7
Praga ..	\$77,5	\$77,6
Rio de Janeiro ..	\$29,0	\$29,1
Libra ouro ..	—	—

RETIRO DA SEVERA

Rua Antonio Maria Cardoso, 5
Telefone 2 5979

Hoje ás 21 horas

Noite elegante—Grandioso programma. Berta Cardoso, Arminda Vidal, Adelina Silva, Julio Proença, Eugénio Silva, Yolanda Rodriguez (estreia).

Orquestra Tipica Algarvia.

Sabado, 26—2.º Arraial Português. Retumbante Sucesso! Os famosos elementos artisticos. — Iluminações á Moda do Minho—Marchas e descantes populares—Cravos de papel—Arroz doce. Reserve já a sua mesa. Noite Popular! Noite de Alegria!

Salão Luso Artístico

Hoje cantam os distintos artistas Ercilia Costa, Natalia dos Anjos e Carlos Lourenço. Noite da moda e bom tado.

Rua Nova da Trindade

Salão Mondego

R. da Barroca, 124—Tel. 2 5676

Margarida Pereira, Manuel Calixto, Domingos Silva e a cegada o episodio «Verdadeira Gloria».

MOBILIAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NAO ADMITEM COMPARAÇÃO EXPOSIÇÕES PERMANENTES. Calçada do Sacramento, 6 (ao Chitão) — LISBOA.

OS DELEGADOS PORTUGUESES

a diversos congressos internacionais
Pelo Instituto para a Alta Cultura, ao abrigo do regimento da Junta Nacional de Educação, foram nomeados delegados aos congressos e conferências científicas internacionais, os seguintes funcionários:

De geografia—comandante Fontoura da Costa, dr. Luiz Schwalbach, e dr. Orlando da Cunha Rego.

De citologia—Dr.ª Maria Tereza Furtado Dias.

De antropologia e etnografia—dr. Eusebio Tammagani.

União Internacional contra o cancro—professor Mark Athias.

Investigações antiacridianas—engenheiro Alexandre José Duarte.

De fisiologia—professor José Afonso Dias Guimarães.

De ciências fonéticas—dr. Armando de Lacerda.

De documentação fotográfica e cinematográfica nas ciências—dr. Munhoz Braga.

Da uva e do sumo da uva—professor André Navarro.

Do ensino profissional e técnico—engenheiro Nobre Guedes.

De classificação anatómico-clínica de tumores—professor Henrique Parreira.

Congresso de Química—engenheiro Herculano de Carvalho.

Noticias da Madeira

FUNCHAL, 20

VISITANTE ILUSTRE—O director do Bureau Internacional dos Boys Scouts, sir Hubert Martin, que veio aqui convalescer uns tempos, depois de uma pertinaz doença, reirou para Inglaterra, na terça-feira ultima, declarando-se encantado com a Madeira.

GENTE DE DINHEIRO NA ILHA—Durante a primeira quinzena deste mês estiveram a passar alguns dias na Madeira, vinte e quatro banqueiros ingleses e oito directores de empresas britânicas.

TRANSPORTE «GIL EANES»—Deixou o porto do Funchal, com destino aos Açores, onde se demorará alguns dias, seguindo dali com destino a Cabo Verde, o transporte de guerra «Gil Eanes».

MORTE MISTERIOSA — Apareceu morto, misteriosamente, dentro dum moinho de que era proprietário, Manuel de Sousa, casado, de cerca de 40 anos, do sítio do Salão, freguesia de S. Roque. Deixa varios filhos menores.

CRIANÇA AFOGADA—Quando estava a brincar com outros menores, Lourenço de Gouveia, de 4 anos, filho de João de Gouveia, residentes na freguesia de São Martinho, teve a infelicidade de cair a um poço, donde foi retirado já cadáver.

Atropelado por um automovel

Foi hoje atropelado por um automovel, na rua das Escolas Gerais, o carpinteiro Antonio Rodrigues, de 53 anos, morador na travessa das Flores, 26, 3.º, que ficou muito ferido num pé.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

É possível existir «Um homem a meias». O problema é interessantíssimo e cada espectador ou espectadora deve emitir a sua opinião. O caso, embora audacioso, está dentro da mais severa moral. O que interessa é ver as circunstâncias em que ele se desenrola. Quem vá ver «O homem a meias» ao Tivoli, penetra na vida dum grande medico americano, aquela zona que tanto se oculta e que é, a-final, a mais empolgante. Quem vence: Loretta Young ou Virginia Bruce? As duas, ou nenhuma? A resposta dá-a Warner Buxter nesta deliciosa comédia, que é um prodígio de interpretação.

Atrás do reposteiro

Está já completo o programa do espectáculo da próxima segunda-feira, no Sá da Bandeira do Porto, recita de homenagem à querida vedeta Beatriz Costa, que se realiza com a ultima representação da opereta «O Páral de S. Bento» e um grande acto de variedades, em que a festejada apresentará algumas das suas passadas criações artísticas.

Foi o empresário Artur Losser que, por intermédio do actor Erico Braga, propôs a empresa do Eden-Teatro, para novembro deste ano, a actuação duma companhia francesa de revistas que iniciaria os seus espectáculos com «Plaisir de Paris», a grande revista do Casino.

—Faz hoje anos o velho actor Francisco Roque, ha muitos anos afastado do teatro.

—Começaram ontem, no Maria Vitoria, sob a direcção do realizador Piero, os ensaios da revista «O Juízo de anos», que ali deve subir à cena no sábado de Aleluia.

—O escritor teatral Luiz Palmeirim entregou ontem ao empresário José Loureiro o seu novo trabalho, uma adaptação da peça americana «Mi Son», a que pôs o título de «A bela portuguesa», cuja protagonista se destina a Palmira Bastos.

—Ricardo Santos Carvalho vai ser o «compê» da revista que Beatriz Costa vai interpretar em Lisboa, depois de «O Páral de S. Bento» e, possivelmente, ainda, um dos interpretes desta opereta, no Variedades.

—O ensaiador Antonio Gomes iniciou já os ensaios da opereta «O Farol da Boa Nova» que Mirita Casimiro, na protagonista, vai estreiar no Sá da Bandeira do Porto, depois das representações da revista «Olaré, quem brinca!».

—O actor Joaquim Miranda conferenciou recentemente, sobre assuntos de teatro, com o presidente da Camara Municipal de Lisboa a quem expôs determinado plano.

—Está concluído o projecto do novo Regulamento dos Teatros, que vai ser submetido à aprovação da repartição competente.

—Além da companhia de Chevalier, também se propôs vir realizar alguns espectáculos em

Lisboa a «troupe» dirigida por Josefina Backer, cuja representação foi confiada á agencia Lopez & Dubini.

—Um conhecido realizador coreografico apresentará brevemente numa das nossas casas de espectáculos um grupo de «girls», que se denominará «Madame Satán».

—Chega a Lisboa, no dia 31 do corrente, a actriz Clara Baptista, vinda do Rio de Janeiro, a bordo do «Cap Arcona».

«Avenida 52», Odéon e Palacio

Este filme, adorável e magnifico, constitui a historia duma rua de Nova York, «Avenida 52», que antes da guerra era habitada por burgueses ricos, pacatos e moralistas, e depois passou a só-lo por «dancings» até daqueles proprios burgueses que antes detestavam os cantores das ruas e os artistas de teatro.

Se a primeira parte é adorável, pelo espirito da época suas canções e indumentaria, a segunda é magnifica, sobretudo pela quantidade e qualidade de cantores e bailarinos dos modernos «cabarets», com suas orquestras de negros, seus sapateados e «blues». A intriga que acompanha o filme, amores contrariados por preconceitos, é delicada, e tocada até de certa graça.

Da quantidade e qualidade dos artistas que intervêm no filme dará idéa a seguinte lista: Ivan Hunter, Maria Shelton, Leo Carrillo, Ella Logan, Pat Paterson, Sid Silvers, Dorothy Paterson, Zazu Pitts, Kenny Baker, os músicos negros do Cotton Club, e dezenas de mulheres bonitas representando, bailando e cantando tão belas canções como a Samão.

Complementos actuais, e um bom filme de bonecos animados.—R.

«A Estrada da Vida»

Amanhã, em espectáculo inteiro, estreia-se no Eden-Teatro a peça argentina «A Estrada da Vida» («Caminito Alegre»), original de Llan-deras e Pineda, tradução de Lino Ferreira e Vicente Minella, interpretada pelas companhias Berta de Bivar-Alves da Cunha, Maria das Neves e Abílio Alves.

Esta primeira representação deve constituir um notavel acontecimento artístico, não só por se tratar de uma obra verdadeiramente excepcional, como também porque ela será representada por uma invulgar organização de teatro.

Admirem esta noite no Coliseu «O raio invisível» e «A vida começa hoje»

Só um artista formidável como Boris Karloff poderia interpretar de forma tão empolgante o principal papel do filme «O raio invisível» que hoje se exhibe no Coliseu, juntamente com a encantadora comédia «A vida começa hoje», que decorre no alegre ambiente de estudantes universitários, com muita graça e um grande exemplo de tenacidade numa mulher. Sábado: «matineu».

Novidades CINEMATOGRAFICAS

Como e o que sentimos no cinema

Quando nos sentamos no «fauteuil» dum cinema, depois de passados os complementos, preparamo-nos para assistir á exhibição do filme de fundo. Amersendamo-nos o melhor possível, recostamo-nos com comodidade, e começamos por lêr as legendas que nos dizem quem é o realizador, quem são os artistas, o homem que pintou os cenários, o que escreveu a musica, o que iluminou o estudio, o que fez uns versos-zinhos, etc. Depois comunicamo-nos o exhibidor que o filme foi censurado e que foi traduzido pelo sr. A ou pela senhora B.

Este é o ponto que interessa ventilar hoje. Traduziu alguém o filme? Logo o filme não é falado na nossa lingua. É falado em francês? Do mal o menos. Todos nós, mais ou menos arranhámos a lingua de Voltaire. Mas é falado em inglês por americanos? Que arrelia!

Ele há umas pessoas que fingem estar muito satisfeitas a ouvirem os artistas falarem em inglês e querem-nos fazer crer que percebem muito bem e tudo o que os interpretes estão dizendo. O que percebem sobretudo são as legendas em português que são sobrepostas ao filme e que vão traduzindo o diálogo.

A verdade manda que se diga que, á parte meia dúzia de pessoas que têm um grande conhecimento da lingua francesa ou da inglesa, o publico não sente inteiramente o filme porque não comprehende o diálogo. Isso, porém, não acontece quando o filme é falado em português.

As frases são então aos nossos ouvidos com toda a força de convicção e de sugestão, principalmente quando o actor sabe dizer, sabe der a entoação própria, sabe pôr emoção na voz. Sentimos o filme em toda a extensão!

E é talvez por isso que somos tão severos na critica aos filmes nacionais, ao passo que temos uma grande dose de indulgencia para todos os filmes estrangeiros, mesmo os que são mais-sinhos de todo.

E' pois sempre um motivo de satisfação o assistirmos á exhibição dum filme português, um filme em que vibre a alma portuguesa e em que essas vibrações nos são transmitidas por palavras nossas.

Será, por isso, uma satisfação para todos os portugueses verem e ouvirem o novo filme português «A canção da terra» produto do honesto trabalho de dois portugueses: Jorge Brum do Canto e Aquilino Mendes. O primeiro realizou e o segundo filmou.

Mas essa satisfação será ainda maior por se tratar dum filme adorável de simplicidade, feito ao natural, por artistas de cinema só, num ambiente de verdade, sem truques espectaculars, sem cordelinhos.

«A canção da terra» não nos fará rir á gargalhada, apenas nos fará sorrir de quando em quando; mas emocionarmo-nos-á e, se a nossa sensibilidade não estiver muito embutada, far-nos-á talvez limpar uma lagrima nascida naquilo que a nossa alma tem de ternura, de bondade.

Historia simples dum amor bravo mas puro, que luta mas vence. Desamores, ás vezes, parecem comprometer-lo; mas não. Sem nunca perderem a esperança, sem jamais desesperarem na sua fé da misericórdia divina, duas almas são sujeitas a provas. E o seu amor tudo vence! Amor á portuguesa, puro, casto, nascido dum olhar, selado num beijo e vincado pelo sofrimento. Amor que termina como disse Julio Dantas, nuns sinos a tocar, um parzinho que ajoelha e se vai casar.

Este é o argumento do filme de Brum do Canto, filme que já quarta-feira proxima se estreia nos cinemas S. Luiz e Condes ao mesmo tempo.

Como informação diremos que o filme é quasi todo passado ao ar livre, em imagens da natureza real, sem recurso a cenários de estudio. Isso põe nas cenas uma nota de verdade que aumenta o interesse de quem vê essa obra sã do cinema português. Os actores não o são de teatro mas sim só de cinema, o que lhes dá aquela naturalidade que se exige em bom cinema.

E sobre tudo isto há a circunstancia do realizador não gritar que fez um grandioso filme mas sim — diz ele modestamente — um filme honesto artisticamente.

Como nota muito interessante acrescentemos que faz parte do programa, como complemento, um outro filme, mais pequeno, é claro, que se chama «A hora H».

O que é «A hora H»? Não queremos desvendar desde já o que seja. Simplemente diremos que são seus interpretes esses belos rapazes que constituem a «orquestra aldrabofona».

Adivinhe-se o que teremos que rir com tal complemento!

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ Maravilhas de 1938
com Eleanor Powell, Robert Taylor, Judy Garland, George Murphy, Buddy Eilen e Sophie Tucker
A's 21 e 30
Telef. 2 717

CONDES Um «carnel» de baile
com Marie Bell, Harry Baur, Pierre Blancher, Fernand Louis Jouvot, Raimu e François Rosy
A's 21 e 30
T L 2 5

TRINDADE A ROSA DO ADRO
com Lalande, Elsa Rumi-na, Oliveira Martins, Tomas de Macedo e Costinha
A's 21 e 30
Telef. 2 0600

CAPITOLIO Mistério de Londres
com Edmund Lowe
rel. 7493 A's 21
Uma vez no Carnaval

LYS O Par Invisível
3 pequenos «gangsters»
Telef. 4 8560

TIVOLI Um homem a meias
com Loretta Young, Warner Baxter e Virginia Bruce
A's 21 e 30
TELEF 2 0695

ODEON Avenida 52
alegre comédia-revista de lindissimas canções e baia-dos com Pat Paterson, Ian Hunter, Zazu Pitt, Leo Carrilo, Maria Shelton, Ella Logan, Kenny Baker, White and Silvers, etc.
A's 21 e 15
Telef. 2 6283

PALACIO UM INVULGAR ESPECTACULO DE MUSIC-HALL
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

REX Preludio de amor
com Grace Moore
O Ralo da Morte
Telef. 9856
A's 21 e 15

JARDIM CINEMA Um ladrão na noite
Ave Maria
A's 21 — Telef. 6 3065

POLITEAMA MULHER FATAL
com Dolores del Rio, Richard Dix e Chester Morris
O misterio desvendado
com Ed. Arnold e Joan Perry
A's 21,15
Telef. 26305

CENTRAL Um filme de publico
TEL 2 4381
Soirée às 21 e 30
ORDEM DE FOGO

PARIS Os 2 Mosqueteiros
Quando o rouxinol canta
com Martha Fagerth
Tel. 6 230
A's 31 e 15

TERRASSE O Par Invisível
Três e dois... quatro
Tel. 0917

ROYAL Tarzan defensor da Selva
Os dois garotos
Telef. 503
A's 21

CASINO ESTORIL Asas Negras
A's 21 e 30

AVENIDA HOJE: A's 8,45 e 11 horas
A revista modelar no seu desenho original
ROSMANINHO
Um exito sem igual
apreciado por todo o publico
o espectáculo mais Rico e mais Lindo
pela Companhia
MARIA MATOS

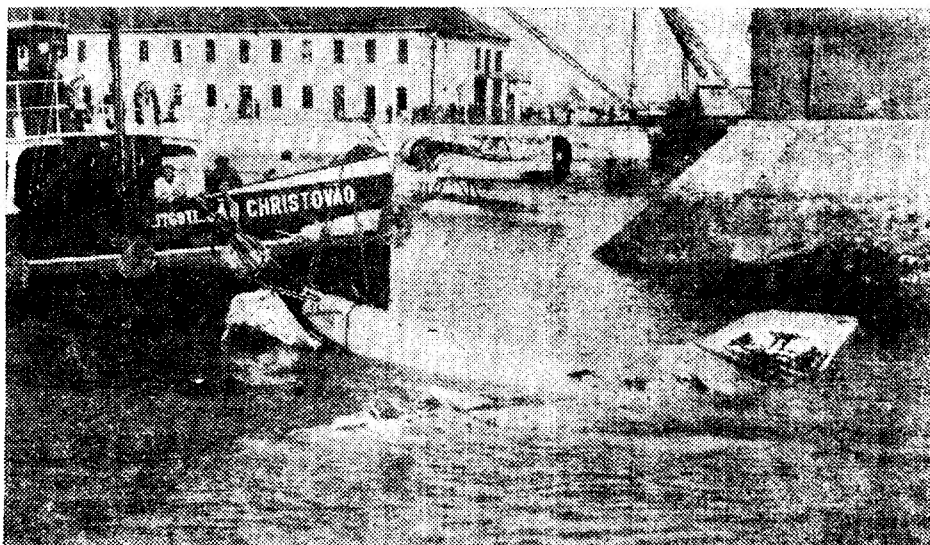
MARIA VICTORIA
HOJE: A's 8 e 30 e 11 horas
A popularissima revista do dia
A Praça da Alegria
com um quadro novo de comédia
Um homem de negocios
novos numeros por Carmencita Aubert
«Entre marido e mulher»
Dueto por Amarante e Riorden-se Luz

VARIEDADES
ATÉ DOMINGO
O ADEUS A LISBOA
A's 830 e 11 horas
A preços popularissimos
DA CONSAGRADA REVISTA 1938
OLARÉ, QUEM BRINCA!
UM EXITO NUNCA IGUALADO

GRAVE DESASTRE DE AVIAÇÃO

Um hidro-avião caiu no Tejo

Morreu o piloto, 2.º tenente Antonio Gonçalves
e salvaram-se os outros dois tripulantes



Os restos do hidro-avião ao serem rebocados para a doca da Aviação Naval.

Uma mancha negra caiu neste lindo dia de dourada primavera. Duas asas da nova aviação naval tombaram feridas de morte em pleno Tejo. E, como sempre, a fatalidade encançou-se sobre os mais audazes, os mais novos. A manhã esplendida, fulva e transparente incitava a voar.

Uma hora de treino sobre o rio incendiado de sol com as suas esteiras de mercúrio, não era nada para o tenente Antonio Gonçalves que ha pouco concluiu, brilhantemente, o seu curso de navegação aérea.

Sabia até bem. Era um adestramento volumptuoso de temeridade. Abriu-se o hangar, e o guindaste desceu até à superfície das águas o «Blackburn» n.º 5, lindo, elegantíssimo, cujas linhas pareciam desposar velocidade. A ave prateada, com os seus dois planos de asas, um só motor, a bandeira verde-rubra, pincelada no leme; bem depressa deixou ouvir o canto vortilhante do seu motor. A «equipe» subiu a bordo: o tenente Antonio Gonçalves, á frente, no comando, e atrás no mesmo banco, o mecânico Joaquim Manuel Palma, forte, corado, a vender saúde por todos os poros, e o telegrafista Nascimento, magro e vertical como uma antena. O hidro saiu a doca e, passados minutos, com os olhos contra o sol, rasgando as águas num jacto de espuma, ergueu-se no céu azul, ebrio de espaço e de distancia.

No eter, os desenhos geometricos da nave sucediam-se, com uma admirável precisão. Lisboa pequenina era como que a «maquette» em gesso duma cidade a construir.

O «Blackburn» ascendia, cortando o eter, ou descia, numa parábola perfeita, rente aos mastros das fragatas. Em certo momento elevou-se mais, ponto minúsculo, asa que mal se adivinha, a dois mil metros de altitude. Aquilo foi breve, como que uma vertigem, porque logo, descendo, percorreu o rio, rapidamente, numa linha horizontal absoluta. Estrugiu um apito, logo o outro, e nos cubos vermelhos das fabricas e oficinas da margem direita do rio uma multidão densa, começou a entrar num ritmo apressado.

Era uma hora e lá de cima, aqueles rios humanos não eram mais que formigueiros. O tenente Gonçalves olhou o seu relógio de pulso. O treino estava a terminar. Mais dez minutos, e seria a volta. O aparelho regressava á base, a pouca distancia da margem direita, trezentos metros de altitude. E, então, interveio a fatalidade cega do destino. O que se teria passado? O tenente Gonçalves era um belo piloto, calmo, prudente, que sabia tão bem controlar os seus reflexos, como a «manche» da carlinga. No exacto momento em que o «Blackburn» fazia a vertical sobre a doca de Santo Amaro, mas, relativamente, perto da margem, deve-se ter dado uma perda de velocidade. Foi o irremediável! Como um meteoro, coruscando uma fracção de segundo ao sol, o aparelho caiu dalgumas centenas de metros, entrando, vertiginosamente, dentro de água. A

superfície líquida despedaçou-se com violência, numa cratera de espuma.

O motor «afocinhava», e a cauda do aparelho fazendo uma rotação voltava-se, mostrando as cruzes de Cristo, pintadas na parte inferior das asas.

Os que estavam na doca, e que por acaso presenciaram o desastre, romperam num clamor de aflição. Viam-se cabeças a boiar, enquanto o aparelho, numa mancha de espuma, flutuava como um cetaceo agonizante.

Mestre Salvaterra, do reboque «S. Cristovão», da União Fabril, que estava atracado, mandou logo largar. Os quatro tripulantes fizeram a manobra, num relampago, e o barco saiu para o local do sinistro, tocando violentamente, com o «Setubal», que já pejado de bidons de gasolina. O choque foi brutal. Muitos «bidons» saltaram, rebentando alguns, e ficaram a flutuar, entre nodos de combustível, mas «S. Cristovão», guiado pelo seu taumaturgo, neste caso Mestre Salvaterra, passou a toda a força do motor.

O «Blackburn» afundava-se, num remoinho de água. A tripulação do rebocador puxou os naufragos para bordo. O maquinista Palma nada soffera. Perdera a roupa, mas salvara-se da morte. Outro tanto succedeu ao telegrafista Joaquim Nascimento, a quem um marítimo teve de emprestar umas calças velhas de cotim. Foi assim que ele chegou ao Centro de Aviação Marítima, num rebocador da Polícia. Mas com o tenente Gonçalves o caso fôra grave. A frente, na carlinga, recebera toda a força bruta do choque. Quando o retiraram da água não dava acôrdo de si, semi-enfreado, nos destroços do hidro. Já haviam accorrido outros barcos: «vedetas» do Bom Sucesso, fragatas e rebocadores.

O «S. Cristovão», depois de cumprir o seu dever com os naufragos, que passaram para outros barcos, seguindo logo para o centro de aviação, tentava salvar os restos do aparelho. A tripulação passou-lhe uns calabres á cauda, que emergia, nas duas côres do pavilhão nacional, e com ele á proa, foi rebocando-o, puxado á ré pelo «Africa». A «esquadra» em luto desceu assim ao rio, até ao Bom Sucesso. Mas aí decorriam os ultimos minutos da tragedia, que enlutou hoje a nossa aviação.

O tenente Gonçalves continuava desmarado, tratado pelo medico daquele estabelecimento. Foi uma luta atrás com a morte que durou cerca duma hora.

As injeções de sêro succediam-se; foram-se buscar remedios a uma farmacia propria, e, por ultimo, um balão de oxigenio. Quando ele chegou o tenente Gonçalves já havia morrido, sem voltar a si.

Os seus camaradas olhavam, tristemente, o cadaver do moço official. Malograra-se uma das mais belas existencias da nossa aviação. E, como sempre, quando a morte abate um, outros, no azul do céu, erguiam mais alto as asas de Portugal, numa oração de gloria ao camarada vencido pela morte.

O CRIME DA TRAVESSA DO POSSOLO

Effectuou-se hoje a autopsia
ao guarda-nocturno
que foi assassinado há dias

Os professores srs. dr. Correia da Silva e Santana Rodrigues, peritos do Instituto de Medicina Legal, procederam hoje ao exame ao cadaver do infeliz guarda-nocturno Joaquim dos Santos, que há sete dias foi morto a tiro na travessa do Possolo.

Por este exame verificou-se que a vítima foi ferida no peito por uma bala que não foi encontrada no corpo. Não se confirma, assim, que o guarda-nocturno tenha sido alvejado com quatro tiros como a principio se disse. Ainda se não sabe se o ferimento que ele apresentava na cara foi resultante da queda ou produzido com qualquer instrumento.

Ao mesmo tempo prosseguem as investigações para a descoberta dos autores do crime. Ontem, ao fim da tarde, appareceu no Torel um indivíduo que prestou preciosas declarações que, a confirmarem-se podem muito bem levar a policia a descobrir os criminosos.

As primeiras horas da manhã saíram do Torel alguns agentes encarregados de effectuarem varias diligencias. Foram intimadas numerosas pessoas a comparecerem na P. I. C., a fim de serem ouvidas pelo chefe Antonio Augusto.

O sr. dr. Eurico Serra também ordenou varias diligencias policiaes. Pode dizer-se que o optimismo que os investigadores não occultaram durante a tarde de ontem ainda hoje se mantém.

A bala encontrada na escada do prédio n.º 32, da travessa do Possolo, bastante amolgada, não é da pistola «West», que pertencia ao guarda-nocturno, como a principio se presumia.

Três vigesimos premiados
e dois amigos desavindos

Na P. I. C. está a desminir-se um caso, que ha dias relatámos, referente a três vigesimos premiados da lotaria da Misericórdia de Lisboa, na importancia de 60 contos. E' o sr. Domingos de Albuquerque que reclama do sr. Antonio da Ascensão Domingos o premio relativo a um vigesimo, pois afirma que jogou de sociedade com ele.

O sr. Antonio da Ascensão Domingos escreve-nos pedindo a publicação dos seguintes esclarecimentos á noticia por nós publicada:

Nega que durante o interrogatorio a que foi submetido na Policia tivesse declarado: que jogava sempre de sociedade com o seu amigo Domingos de Albuquerque; que possui muito dinheiro e é benfeitor, estando na disposição de distribuir os 60 contos pelos pobres; que no caso do cauteleiro que lhe vendeu os vigesimos premiados relatar os factos como os relata o sr. Domingos de Albuquerque, não tem duvida em lhe entregar os 20 contos que este diz pertencerem-lhe; que não estivesse bem certo nessa occasião (referindo-se ao dia em que o amigo o procurou) e de que se lembrasse agora de que ele não entrara na sociedade. Acrescenta o sr. Ascensão Domingos ter declarado sempre que só de quando em quando jogava de sociedade com o referido Domingos de Albuquerque; que não possui muito dinheiro, nem se considera benfeitor, mas que seria capaz de dar o dinheiro aos pobres e nunca a Domingos de Albuquerque, por lhe não pertencer; que se o cauteleiro quisesse dizer a verdade, facilmente se desfaria o seu proposito e, finalmente, que sempre manteve o mantem que o jogo premiado só a ele pertencia.

O PORTO pelo telefone
Assalto ao «Seculo Ilustrado»

PORTO, 24.—Numa casa da rua Cima de Vila foi esta manhã preso por um guarda da Policia de Segurança Julio Maria Eleuterio, de Lisboa, que, no passado dia 16, assaltou as instalações do noso colega «Seculo Ilustrado». No Aljube, o Eleuterio confessou ter sido o autor do furto de 6.000 escudos, após o que tomou um automovel, e se dirigiu a Santarem, depois a Elvas, chegando a esta cidade num comboio do passado dia 18. Foram-lhe apreendidos 170\$00 e alguns objectos sem valor. O preso declarou ter gasto o restante em divertimentos.

Teatro Nacional

Hoje ás 21 e 20
Recita de caridade promovida por uma comissão de senhoras, a favor da Sopa dos Pobres da freguesia da Lapa, com a peça
ROMANCE
Notavel criação de AMELIA REY COLAÇO
Amanhã: RECOMPENSA

"EU SOU TE

Uma troca de nome
deu lugar a um ep

Com uma volta mais—e eis o assunto de uma peça de teatro, ou o tema sentimental e movimentado dum romance. Meia dúzia de linhas chegam para a sumula do entretrecho. Pode passar-se em qualquer parte do globo.

Ha cerca de trinta anos um senhor, provinciano, modesto de haveres, enamorou-se de uma rapariga; contrariados os amores pela familia, os namorados reuniram-se numa aventura, que acabaria mais tarde ou mais cedo pelo matrimonio. Da ligação nasceu um rapazito; a mãe, contudo, não gozava saúde e morreu pouco depois. O pai, não podendo cuidar da criança e porque a familia ainda não transigira, ou demorava a reconciliação, entregou o pequeno aos cuidados de uma ama na capital, e ele ficou na provincia a amunhar as suas terras. A ama ia recebendo as mesadas e por comodidade, levou o pequeno para uma instituição de beneficencia. Um dia, por descargo de consciencia, dispôs-se a ir ver o seu pupilo, que todos supunham abandonado dos pais: «O pequeno morreu ha dias; não a prevenimos porque não sabiamos onde a senhora mora».

O pai recebe a noticia; á dor da morte da rapariga succede a da morte do filho. Toma-se de desalento e abala para uma colonia á procura de fortuna. Trabalha; amalha. Talvez na sua memoria se fôsse reduzindo a esfuminho a amorosa e triste aventura.

Casa com uma digna senhora. Do matrimonio nasce um filho. Aos 20 anos este enamora-se de uma menina; quere casar. Os pais não vêm bem. O rapaz realiza o matrimonio, a despeito de tudo. Corte de relações. Repete-se o drama familiar que ocorrera.

A subscrição a
dos pescadores da

Quando o venerando prior do Monte da Caparica, reverendo Baltazar Diniz de Carvalho—um sacerdote que se consagra inteiramente á prática do bem e á assistencia espiritual e material aos desprotegidos da sorte que vivem em grandes dificuldades na sua freguesia—se dirigiu ao Diário de Lisboa, a pedir o nosso auxilio para conseguir arranjar fundos que lhe permitissem continuar a distribuição duma sopa diaria aos pescadores da Caparica e aos seus filhinhos privados da necessaria alimentação, mal poderia supôr que tão rapida e tão intensamente chovessem na nossa redacção os donativos para tão simpatico e humanitario fim.

Se a maldade humana constantemente se revela, basta um acontecimento do genero daquele que o nosso jornal levou ao conhecimento dos seus leitores para que numerosas pessoas, na sua maioria despidas de vaidade—é ver como quasi todas se disfarçam no anonimato ou no meio anonimato das iniciais—acôrrem a prestar a sua solidariedade, mostrando que são bons e que se affligem com a desgraça dos seus compatriotas.

Não por orgulho, que não cabe no numero dos nossos defeitos, mas pelo alivio que daí virá para centenas de pessoas, na sua maioria inocentes crianças, registamos e salientamos este facto consolador: logo que o Diário de Lisboa publicou a carta do bondoso sacerdote, acorreram a entregar-nos o seu obulo, desde as mais altas entidades, officiais e particulares, até ás mais modestas pessoas. Individualidades de grande prestigio, cujo nome não podemos revelar, secundaram, com a maior simpatia, o apêlo que aqui fizemos. Vai

O IRMAO!"

s de duas crianças

isodio romanesco

vinte e tantos anos antes. E repete-se até com alguns pormenores. A noiva recém-casada morre; deixa um filho. Este morre também.

Envolto em luto, o rapaz fica vivendo na metrópole; na colónia distante vivem os pais, ainda de relações tensas com o filho, embora mais humanizados.

E ha dias, estava o rapaz no seu quarto, quando um criado lhe anuncia um sujeito «razoavelmente vestido» que lhe queria falar.

—V. ex.^a chama-se...?

O outro declina. «E seu pai? E os seus avós? E qual a terra de nascimento? E...» etc. Finalmente: «Tem irmãos?» O visitado diz que não, e o outro apresenta uma certidão. Eram irmãos. Cairam nos braços um do outro, e só então repararam que «eram tal qual», áparte a apparencia exterior que depende da situação material de cada um.

Sucedera apenas isto: ha vinte e oito anos, na tal casa de assistência, tinham trocado os nomes a duas crianças; uma que morrera e outra que sobrevivera.

O caso não se passou no estrangeiro, mas em Lisboa. O sujeito colonial vive hoje em Africa; o filho do casamento é aluno da Faculdade de Direito; o primeiro filho que reaparece é um modesto empregado da Misericórdia, onde por equívoco o deram por morto. A terra do primeiro romance é uma vila da Beira. Usam ambos os irmãos o mesmo apelido do pai, e foi o apelido que ao cabo de uma dezena de anos de pesquisa, guiou o empregado da Misericórdia na descoberta da família.

Por natural escrupulo—omitimos as identificações.

avor dos filhos

Costa da Caparica

para todos o nosso profundo reconhecimento.

E' pena que não se possam, com a mesma facilidade, remediar tantos males existentes não só em Lisboa, mas em todo o país. Mas, enquanto não se encontra um remédio geral para a insuficiência de proventos, para a falta de alimentação, de abrigo e de recursos de toda a natureza, vejamos na bondade e no espirito de solidariedade das numerosas entidades que acorrem a este comovedor apêlo uma prova de que existe nos portugueses um fundo bom que, inteligentemente bem orientado, pode ser um filão produtor de obras admiráveis.

Transporte.....	12.100\$00
Alguem altamente colocado que deseja guardar o anonimato.....	500\$00
Um antigo professor de Coimbra...	250\$00
A. de G.	100\$00
Officiais e sargentos da 2.ª Direcção Geral do Ministerio da Guerra...	150\$00
J. e M.	50\$00
C. B.	50\$00
Uma Milu	10\$00
M. A. M.	50\$00
A. R. C.	50\$00
R. M.	50\$00
Anonimo	30\$00
Dois empregados bancarios	30\$00
Tavares de Macedo	20\$00
De Um e Outro	20\$00
A. C. R.	20\$00
Cota	10\$00
Albuquerque	30\$00
«Menina Cila»	20\$00
J. A. S. D.	10\$00
A. G. J.	5\$00
M. C. C. A.	20\$00
	13.575\$00

ASSEMBLÉA NACIONAL

Continuou hoje a discutir-se

na generalidade

a reforma do ensino primário

Na Assembléa Nacional continuou hoje o debate sobre a proposta de lei acerca da Reforma do Ensino Primário.

A sessão abriu ás 16 e 15, respondeu á chamada 58 deputados e, entrando-se em seguida na ordem do dia, usou da palavra em primeiro lugar o sr. dr. Diniz da Fonseca que examinou a proposta na generalidade deixando os casos de pormenor para a discussão na especialidade.

Que relação guarda a politica de ensino da proposta e os anteriores, e quais as suas diferenças pedagogicas?—preguntou o orador, que passou a perguntar tambem a quem vai ser confiada a instrução primaria—depois de historiar a sua intervenção na elaboração da proposta, que assim viu nascer, a convite do sr. ministro da Educação Nacional.

Alíma que á familia se passa a dever não só a alimentação mas tambem a educação, como base primaria indicada pela Constituição. O interesse social é porém, de que tal órgão educador eduque e instrua bem, zelando e defendendo o interesse social. E' nesta ordem de idéas que a Constituição reconhece a familia como base primaria da educação no artigo 12 e a facilita no artigo 14, porque a familia não pode ser órgão educador se não se facilitar as possibilidades economicas. Assim o Estado reconhece a familia como órgão educador, cooperando com ela, suprimindo as suas deficiencias, mas não a substituindo.

«Eu sei que há uma doutrina contraria a esta e que afirma que ao Estado pertence a educação, substituindo a familia pela creche—disse—mas creio bem que esta doutrina, além de anti-humana, é anti-social e anti-pedagogica. A experiencia está feita em longa escala. A Rússia encarregou-se de a fazer».

O orador continuou afirmando que outras experiencias têm provado que a natureza requeira a assistência educadora da familia, ainda que em colaboração com o Estado. E quando este necessita suprir a familia, têm de recorrer ainda a uma educação maternal.

E ao chegar ao reconhecimento do professor primário, ainda admite que este seja a propria familia. O sr. dr. Diniz da Fonseca, com esta série de considerações, chega á conclusão de que a familia pertence exclusivamente á familia e que o ensino particular deve ser apenas tolerado nos casos especiais em que a familia não pode cumprir aquela função.

O orador, escutado no meio do mais profundo silencio, continua fazendo o elogio da proposta.

Ocupando-se do ensino primário, o sr. dr. Diniz da Fonseca diz que deve ser ainda a familia a fiscalizadora da escola. Passando, propriamente, á politica do ensino, ao seu ambito e ás suas directrizes, afirma que a pedagogia confunde por vezes o ideal e o objecto.

—Ter um método e aplicá-lo sem finalidade não é educar; é fazer pedagogia ôca—disse, examinando os processos russos e o cristão e defendendo este, tal como surge no projecto em discussão.—A escola era neutra, sem ideal, mutilada, separada da educação, da familia, das creanças e das tradições.

Disse que o povo mesmo onde tem escolas as abandona.

—E eu pergunto se o povo não teve razão, se não teve realmente que se defender da escola!

O orador fez o elogio dos professores que, dentro da vacuidade dos anteriores programas, defenderam a moral e a familia, e afirmou que com a actual reforma lhes será mais facil fazer com que o povo procure as escolas e as ame.

AERONÁUTICA

A queda do avião da linha Marrocos-França

PERPINHÃO, 24.—Foi sob uma tempestade de neve, cuja camada atingia 60 centímetros, que o pessoal de socorro se dirigiu para o local onde caiu em chamas o avião postal que assegurava a ligação entre Marrocos e a França, no Departamento dos Pirineus orientais. Esta manhã conseguiram chegar até junto do aparelho, que estava coberto de neve. Do avião foi retirado um cadaver. A tripulação compunha-se de piloto, mecânico e rádio-telegrafista. Os gendarmes farão o necessario para que o correio siga para o seu destino. Confirma-se que, além dos três homens da tripulação, se encontravam a bordo do aparelho 5 passageiros vindos de Dakar.—(Havas).

PÂTISSERIE VERSAILLES

ás 5 horas chá

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

As operações tendentes a desafogar Huesca

prosseguem com absoluto exito

para as tropas do general Franco

Voluntarios italianos cantando a «Giovinezza» depois da tomada de Alcaniz. Perto de Belchite, as tropas nacionalistas prosseguem o seu avanço em direcção ao mar

BURGOS, 24.—O governo nacionalista decidiu chamar o seu representante diplomatico em Viena e substitui-lo por um consul geral.—(Havas)

A integridade do territorio espanhol

LONDRES, 24.—Sir Henry Page-Croft, deputado conservador, declarou numa assembléa dos «Amigos da Espanha Nacionalista» que ninguém que conheça o caracter espanhol pode pôr em duvida a garantia do general Franco, segundo a qual ele recusa ceder um só palmo de solo espanhol a uma potencia estrangeira. Se bem que a Inglaterra continue fiel á sua neutralidade absoluta, a liberdade e a independencia da Nova Espanha deve continuar a ser um ponto essencial da politica britanica.—(D. N. B.)

Auxilio aos judeus de Barcelona

JERUSALEM, 24.—Por iniciativa da organização das mulheres judaicas estão a ser recolhidos mantimentos na Palestina destinados á comunidade judaica de Barcelona.—(Havas).

CRONICA MILITAR

Prossegue com exito implacavel a serie de disposições estrategicas e acções taticas destinada a desafogar Huesca e a envolver a serra de Alcubierre.

As operações de ontem e de hoje podem dividir-se em duas fases distintas quanto aos objectivos intermeditarios, embora visem identico resultado final.

A primeira fase, a de limpeza do terreno a sul e nascente de Huesca desenvolve-se com continuidade e segurança. As comunicações directas entre Huesca e Saragoça, interrompidas ha longos meses, acham-se hoje mais que garantidas pela posse não só da estrada entre as duas cidades, mas tambem de todo o terreno até cerca de 15 kilometros para leste. San Gregorio e Tardienta foram conquistadas pelas tropas de Franco que, por este lado, atingiram as vertentes setentrionais da serra de Alcubierre e colocaram a estrada citada fora do alcance da artellaria inimiga.

Tambem a via ferrea Huesca-Saragoça, que se encontrava cortada pelos vermelhos, no troço Huesca-Tardienta até ao rio Gállego, ficou agora completamente livre.

Na segunda fase, combinada com a primeira, as tropas nacionalistas, partidas de Quinto, aproveitaram a testa de ponte que em 15 do corrente haviam estabelecido em Gelsa, atravessaram o Ebro de sul para norte e foram colhendo a retaguarda as forças inimigas que se encontravam na serra de Alcubierre. Esta serra ficou envolvida por norte, no sector de Tardienta, por oeste no sector Lecienca-Perdiguera, pelo sul ao longo do curso do Ebro e por sudeste na região de Gelsa-Venta de Santa Lucia-Bujaroz. Para salvar-se com o seu material, restava aos vermelhos de Alcubierre o recurso de retirarem pela estrada Alcubierre-Castejon de Monegros ou pela estrada Perdiguera-Farlete-Venta de Santa Lucia sobre Bujaroz ou sobre Sorriñena. Mas a segunda destas estradas já deve estar cortada a esta hora pelos nacionalistas saídos de Quinto e Gelsa, e á primeira succederá o mesmo dentro em pouco. Todo o terreno entre os rios Flumen e Ebro cairá assim em mãos dos nacionalistas que logo a seguir terão a sua frente a coberto do Alcanadre.

Ao contrario do que dizem certas pessoas apressadas, Lerida não se encontra ainda ameaçada. A cidade catalã é objectivo relativamente longinquo em tempo, embora proximo... no mapa.

Antes de ameaçar efectivamente Lerida ha que alinhar a frente ao longo do rio Cinca, pelo menos entre o paralelo de Huesca e o Ebro, isto é, pouco mais ou menos entre Barbastro e Fraga. Isto demorará alguns dias, mas não muitos.

Resta-nos recordar que o comunicado oficial nacionalista de ontem, ao indicar que a travessia do Ebro se destinava a envolver a Serra de Alcubierre, confirma as nossas cronicas de 16 do corrente e de ontem.

Quanto á situação ao norte de Huesca, parece que, depois da conquista brilhantissima da Serra de Gratal e do consequente desafogo quer da estrada Huesca-Plasencia-Jaca, quer do caminho de ferro Huesca-Jaca, nenhuma outra operação de vulto se realizou ontem.

Ignoramos, por enquanto, se houve hoje movimento neste sector. Mas os que estão a realizar-se a sul e sudeste de Huesca são de tão grande amplitude e acham-se coroados de tão exito completo que já chegam para nos contentar.

De resto, conforme já ontem explicámos, a paragem do avanço ao norte de Huesca é perfeitamente natural.

Ali, o que mais interessava era garantir a cidade contra ataques dos vermelhos, e isso já foi amplamente conseguido pela ocupação da serra de Gratal.

Cap. JORGE BOTELHO MONIZ

NEGRESCO — Restaurante

Deliciosos pratos especiais. Salmão, Lampreia e trutas. Os melhores mariscos. O melhor cozinheiro.—Tel. 2 9583.

MAXIM'S

Hoje: BAILE DE MASCARAS DE MICARÊME

com estreia dum grandioso programa de variedades

"Ballet Baumon"

uma atracção inedita em Portugal

AS SENHORAS MASCARADAS TÊM ENTRADA LIVRE

PORQUE DEIXOU TIRAR O SEU TELEFONE?

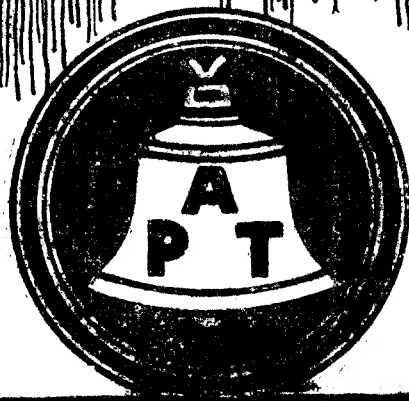


Todos os dias a Companhia dos Telefones, reinstala aparelhos em antigos assinantes que mandaram, num momento de dificuldades financeiras, retirar o telefone que possuíam. O lugar do telefone, nessas casas de família — na mesa da secretária ou da sala — e nos estabelecimentos — sobre o balcão ou na mesa do gerente — não esteve muito tempo vago. Quem uma vez teve telefone, não pode regressar 50 anos para traz. Todos os seus gestos procuram o aparelho amigo, o indispensável utensílio da vida actual.

A Companhia tem modalidades para todos os orçamentos. A Companhia dá facilidades para todas as formas de pagamento. A Companhia todos os dias aumenta o valor dos serviços que lhe presta o

T E L E F O N E

Conserve as contas do seu telefone em dia. Consulte a Companhia nas suas dificuldades. Valorise o seu aparelho, com extensões ou tomadas, mas nunca mais pense em deixar de ter Telefone: é impossível!...



Carpetes—Tapetes—Passadeiras—Alcatifas, etc.

Lopes dos Santos, L.^{da}

Rua Augusta, n.ºs 82 e 84
Telef. 2 3637

Noticias do Brasil

Homenagem a homens de letras

S. PAULO, 24.—A Associação Paulista de Imprensa, a que preside o poeta Guilherme de Almeida, prestou, hoje, homenagem à memória do poeta nacional baiano Castro Alves, que cantou a libertação dos escravos, e ao jornalista português José Maria Lisboa, fundador do «Diário Popular» desta capital. Vários oradores enalteceram as obras destes dois eminentes intelectuais.—(S. P. N.)

Obras sociais

RIO DE JANEIRO, 24.—O ministro do Trabalho, sr. Waldemar Falcão, inaugurou a nova Vila Operária, construída nos subúrbios desta capital. No discurso que então pronunciou, fez ressaltar o empenho do governo, em apoiar cada vez mais o proletariado brasileiro, acentuando que o presidente Getúlio Vargas, fugindo a tentações dos falsos idealistas, soubera encarar a sério e na hora oportuna o problema social brasileiro.—(S. P. N.)

As relações com o Reich

RIO DE JANEIRO, 24.—Comunicam de Berlim que os círculos oficiais alemães desmentiram, categoricamente, a notícia divulgada por uma agência telegráfica europeia, segundo a qual o governo do Reich estaria estudando o envio dum protesto ao governo brasileiro, acerca do encerramento das organizações nazis e exigindo o restabelecimento dos direitos que assistem aos emigrantes germanicos de manifestarem ideologias políticas, pela Constituição brasileira.—(S. P. N.)

O exito da «Revolução de Maio»

RIO DE JANEIRO, 24.—O filme português «A Revolução de Maio» continua no cartaz do cinema Odéon com encontros consecutivos. O interesse por esta grande produção, manifesta-se no facto de, iniciada agora a terceira semana, os criticos cinematograficos lhe vaticinarem ainda longa permanencia no «écran», a-pesar-de ser exibida em cinco sessões diárias.—(S. P. N.)

A conspiração integralista

RIO DE JANEIRO, 24.—Eleva-se a mil e quinhentos o numero de prisões por motivo da conspiração integralista. Está averiguado que uma das primeiras individualidades suprimidas seria o chefe da policia capitão Fillinto Muler.

Na segunda busca realizada em casa do dr. Plinio Salgado foram apreendidos três mil punhais, tendo gravada a cruz suastica, e grande quantidade de balas dum-dum.

A organização integralista pode considerar-se desfeita.—(Americana).

Na prisão de ventre
DRALAX
FARMACIA ESTACIO



Maria Helena Valente Perfeito
Bruto da Costa

FALECEU

Ema Valente Perfeito Bruto da Costa, Bernardo Francisco Bruto da Costa e filhos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida filha e irmã, e que o seu funeral se realiza no dia 25 ás 15 horas, da avenida da Republica, 35-3.º, para o cemiterio dos Prazeres.

A cargo da antiga agencia Ricardo Henriques, R. das Pedras Negras, 7 a 13

ESTRANGEIRO

A fortuna de Marconi

na Grã-Bretanha

LONDRES, 24.—Os calculos feitos, para fins fiscaes, sobre os bens deixados em Inglaterra por Marconi mostram que a fortuna do genial homem de ciencia neste pais subiu a 48.529 libras. O fisco britânico cobrou 5.228 libras. Por disposição testamentaria do extinto, a herdeira é a filha Elettra, mas o usufruto pertence á viúva. Dos bens existentes em Inglaterra doará Marconi 10.000 libras aos filhos do primeiro matrimonio e 32.000 á primeira esposa, de quem se divorciou.—(Americana).

AS GREVES EM FRANÇA

PARIS, 24.—Novecentos operarios declararam-se subitamente em greve numa grande refinaria de açucar em Nantes, porque um secretario do sindicato foi despedido por faltas cometidas no exercicio do seu emprego.—(D. N. B.).



Craven 'A' não afecia a vossa garganta Saboreie a vontade o seu delicioso paladar
CRAVEN 'A'
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções da garganta
CARRERAS, LTD. LONDRES
150 anos de reputação, pela sua magnífica qualidade

Banco Pinto & Sotto Mayor

Dividendo de 1937

A partir de 25 do corrente está a pagamento na Sede e Filiais o dividendo de 1937, na razão de Esc. 35\$00 por acção, cativo de impostos.

Lisboa, 24 de Março de 1938.

A Administração

A SITUAÇÃO NO MEXICO

Declarações de Cardenas

MEXICO, 24.—Numa manifestação pro-governamental realizada por ocasião da expropriação das sociedades petrolíferas estrangeiras, o presidente Cardenas declarou que o Mexico pagará estas dividas ao estrangeiro. O governo não recusará pagar indemnizações pelas propriedades que passaram para o estado. Cardenas convidou os seus ouvintes a manter a disciplina e a ordem.—(D. N. B.)

MEXICO, 24.—O Departamento da Imprensa desmente formalmente que se tivessem produzido no Mexico manifestações operarias anti-americanas.—(Havas)

Manifestações operarias

NOVA YORK, 24.—Do Mexico comunicaram ao «New York Times» que cerca de um milhão de pessoas participaram ontem nas manifestações que se realizaram em todo o pais para marcar a sua aprovação á expropriação das companhias petrolíferas.—(H.)

A situação na Palestina

A actividade dos terroristas

JERUSALEM, 24.—Ontem á noite deram-se novos ataques dos terroristas contra os bairros judeus de Jerusalem e de Tiberiade. Numa aldeia árabe foram presas dez pessoas suspeitas de terem participado num ataque a uma colonia judaica.—(Havas).

Feira da industria israelita

TELAVIV, 24.—A Feira do Levante vai ser substituída por uma exposição ambulante de amostras da industria israelita da Palestina que visitará todas as partes do mundo.—(Havas).

Greves em França

PARIS, 24.—Deram-se incidentes esta manhã em certo numero de fabricas da região parisiense. Nas fabricas Citroën, interrompeu-se o trabalho ás 10 e 30 e ao meio dia ainda não havia recommençado. Consta que a base desta agitação é a renovação das convenções colectivas. Auried pediu imediatamente a Jouhaux que intervisse junto dos operarios para que cesse a ocupação das fabricas e fez-lhe ver, ao mesmo tempo, que o movimento é prejudicial á acção governamental.—(Havas).

Meias Kayser

25\$00

só no Rei das Meias

L. Abegoaria, 32

Dentes brancos gengivas
sãs, halito puro e o re-
sultado de um dentifrico
de confiança e realmente
bactericida. **PEBECO**

PEBECO

A' venda em toda parte

Deposito: Pestana, Branco & Fernandes, L.da — LISBOA.

Togal

CONTRA OS RESFRIAMENTOS GRIPES, CONSTIPAÇÕES

TOGAL é o remedio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com toda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. TOGAL ataca directamente a origem do mal. A venda em todas as farmacias, frasco, 10\$00, frasco triplice, 22\$00.

É um produto da Togalwerk Zürich



Funerais e Trasladações

Agencia M. Ferreira dos Santos

RUA DE ARAGÓIS, 211 — Telef. 41987

SERVIÇO PERMANENTE

A POLICIA DOS ESTADOS UNIDOS

descobriu uma nova quadrilha de vigaristas

NOVA YORK, 24.—A Policia secreta dos Estados Unidos descobriu em Nova York um bando de vigaristas que tinha o seu campo de actividade em varias cidades onde se realizam concursos hipicos.

Segundo o procurador do Estado, Hardi, a soma que os «escrocs» colheram durante os ultimos dezoito anos eleva-se a nada menos de oitenta milhões de dolares.

Só na cidade de Nova York, a Policia prendeu ontem setenta pessoas. A' frente do bando encontravam-se os cinco irmãos Adeimanne os seus cunhados Kantor, Dreyfuss, Grossmann, Edelson, Rosenblatt e Israel.

Os membros do bando aceitavam apostas sobre cavalos que não existiam. As pessoas interessadas enviavam pelo correio ou pelo telegrafo informações mentirosas. Para melhor poderem influir sobre as suas victimas, os «escrocs» declaravam ter corrompido os treinadores, os jockeys e os proprietarios de cavalos de corrida no Mexico, Cuba e Canada.—(D. N. B.)

Agua Vale de Cavalos

a que mais se recomenda e que se impõe pelas suas valiosas analises. Premiada com Medalha de Ouro. Rua de S. Bento, 624.—Tel. 63033.

Quinta

Motivo muito urgente. 27 hectares. Vende-se em Vila Franca de Xira, por 150 contos, com escritura na mão, moradia, casa de caseiro, celeiro, 3 lagares, casa de alambique, adega com vasilhame para 100 pipas, e outras dependencias, terras de horta e semeadura, vinha para 40 pipas, uva de exportação 2.000 arrobas, arvores de fruto, 800 oliveiras, agua de mina e 2 poços, terras de mato, pinheiros e sobreiros. Facilita-se o pagamento em 70.000\$00 por hipoteca á Caixa Geral de Depósitos. Trata **Mendonça, L.^{da}, Rossio, 74, 1.º, Dt.º**

ELECTRO LISBOA, L.^{da}

Vende a prestações magnificos candeeiros electricos, receptores de radio, ferros de engomar fogões, etc.

Reparações em todas as marcas de receptores

Rua Augusta, 246-248

Telef. 2. 0568

FORD

Todas as peças aos melhores preços

AUTO GERAL

175, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 177

Telefone 24051

AZULEJOS

e faianças artisticas genero antigo não compre sem visitar o deposito da

FABRICA SANT'ANA

Executa-se qualquer estilo

RUA DO ALECRIM, 91-97 — LISBOA

Telefones 22.537-81.592

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

AVISO AO PUBLICO

ADICIONAL DE 10 %

De harmonia com a Lei n.º 1965, publicada no «Diário do Governo» n.º 63, 1.ª Série, de 18 de Março do corrente ano, todas as cobranças de trafego, previstas nos diplomas em vigor, relativas á rede explorada por esta Companhia, quer se trate de serviço interno, quer de serviço combinado com outras empresas de transportes, nacionais ou estrangeiras, serão acrescidas de um adicional de 10 o/o, que começará a ser cobrado em 29 do corrente mês.

É excluído deste adicional o trafego de trigo e de farinhas.

Lisboa, 23 de Março de 1938.

O Director Geral da Companhia

A. de Lima Henriques

Para consertar ou transformar jóias com urgência vá á JOALHARIA LORY
Rossio, 40, que por ter oficinas próprias o faz rápida e economicamente.

ULTIMAS NOTICIAS

Super som
- DA -

EMERSON RADIO CORP.
Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor da T. S. F.
Rua da Conceição, 35-1.

PREPARATIVOS BELICOS

A organização da nação francesa em tempo de guerra

PARIS, 24.—Esta manhã prosseguiu, na Camara dos Deputados a discussão do projecto de lei relativo á organização da nação em tempo de guerra.

Frederic Dupont (Federação Republicana) frizou a insuficiência dos creditos, o numero demasiadamente restrito de abrigos e mascaras e evocou o exemplo da Inglaterra, que faz grandes esforços nesse sentido. O artigo 7.º do projecto foi aprovado. Seguidamente foi aprovado o artigo 8.º, o qual prevê que o ministro da defesa nacional seja encarregado de dirigir, coordenar e controlar a organização da defesa passiva.

A discussão incidiu depois sobre dois pontos: primo—a defesa passiva anti-aerea do territorio; secundo—a questão da mobilização dos deputados e ministros no caso de guerra.

Sobre o primeiro ponto realizou-se facilmente o accordo entre os deputados. O artigo mais interessante do projecto é o que prevê a possibilidade da «requisição» de todos os franceses de mais de 18 anos para os organismos de defesa passiva, por meio de salarios adequados, assim como o que prevê a distribuição á população civil de mascaras contra gases.

Com respeito á mobilização de deputados e ministros chegou-se menos facilmente a accordo. Defrontaram-se as duas teses expostas depois da ultima guerra: a que reclama a mobilização dos deputados e ministros segundo as leis que regulam o recrutamento de todos os cidadãos e a que se opõe á mobilização automatica dos deputados para que possam continuar a exercer a sua função parlamentar. Triunfou a tese intermediaria que todos os deputados aceitaram: os deputados com menos de 40 anos serão mobilizados, conservando-se na Camara os de mais idade.—(Havas).

A atitude das «Trade Unions»
LONDRES, 24.—O Conselho Nacional do Trabalho, que reúne o Conselho das «Trade Unions», a Comissão executiva do Partido Trabalhista e a Comissão executiva do grupo parlamentar, assentará hoje na resposta a dar ao pedido de colaboração do governo. Este desejava: 1.º—Que as «Trade Unions» aceitassem o emprego na industria da mão de obra semi-especializadas ou não especializada como o aceitaram em 1916, por motivo da Grande Guerra; 2.º—A abolição da diferenciação dos sindicatos.

Estas duas concessões permitiriam uma organização infinitamente mais flexível e mais extensa da mão de obra nas industrias da guerra.

Em compensação, Inskip teria anunciado ás «Trade Unions»: 1.º—A introdução nas industrias de guerra dum sistema de duplicação de turnos, o que permitiria empregar 150.000 novos operarios; 2.º—O emprego apenas de sindicatos nas industrias de guerra, com excepção dos independentes empregados até aqui.

Parece que tais propostas podem vir a ser aceites pelas «Trade Unions», o que as levaria a abandonar a sua intenção primitiva de subordinar a acção da colaboração á alteração da politica externa britânica, principalmente quanto á questão espanhola. Em apoio desta suposição, convem notar que durante a conferencia de hoje não se tratou da questão da politica estrangeira nem da parte do governo nem da das «Trade Unions».—(Havas)

O rearmamento dos Estados Unidos
WASHINGTON, 24.—O general Craig, chefe do Estado Maior do Exército, preveniu a comissão de orçamento da Camara dos Representantes, de que será necessario um bilião de dolares para reorganizar o exercito e elevar os efectivos a um milhão de homens—numero previsto pelo Departamento da guerra no plano de mobilização.—(H.).

O MOMENTO INTERNACIONAL

A Gran Bretanha não irá para a guerra declarou o ministro das Colonias, Ornsby Gore

LONDRES, 24.—Discursando em Stoke-on-Trent, o ministro das Colonias, Ornsby Gore, afirmou que nenhum governo britânico «lançará o Imperio Britânico numa guerra, a não ser que a isso o obriguem absolutamente».

Acrescentou que, embora correndo o risco de ver mal interpretada a sua conduta, o governo inglês fará o possível para diminuir a tensão europeia e encontrar soluções pacificas para os problemas suscitados pela sucessão do imperio austro-hungaro.—(Havas)

As declarações que Chamberlain fará hoje nos Comuns

LONDRES, 24.—Na manhã do dia em que Chamberlain deve expor a politica externa da Grã-Bretanha, a imprensa inglesa julga-se em condições de precisar quais serão as declarações do primeiro ministro com respeito á Checo-Eslovaquia.

A substancia destas declarações será a seguinte: a Inglaterra não pode ligar-se directamente á Europa central mas no caso da Checo-Eslovaquia ser vítima de agressão, o governo britânico prevê que dela resultará um conflito geral, em que a Grã-Bretanha forçosamente será envolvida.

As teses em presença afrontam-se, não em editoriais, mas sob a forma de cartas aos chefes das redacções.—(Havas).

As declarações de Chamberlain nos Comuns

LONDRES, 24.—Durante o debate desta tarde na Camara dos Comuns, Neville Chamberlain declarou:

—Estamos ligados a certos tratados e obrigações. Espero que ninguém duvidará de que estaremos preparados para cumprir tais obrigações.—(Havas).

Boncour recebeu o embaixador inglês

PARIS, 24.—Paul Boncour recebeu esta manhã Sir Eric Philipps, embaixador da Grã-Bretanha em Paris e conferenciou com Mistler, presidente da comissão dos negócios estrangeiros da Camara dos Deputados.—(Havas).

Aplausos a Eden

LONDRES, 24.—Por 45.227 votos contra 3.002 os electores das circunscrições de North-Bradford, Manchester, Cambridge e Clapham—todas circunscrições conservadoras—pronunciaram-se a favor da atitude de Eden com respeito ás questões internacionais. Trata-se dum «referendum» postal, organizado pelo Conselho de acção Pró-Paz e Reconstrução.—(Havas).

As negociações anglo-italianas

ROMA, 24.—Ciano e lord Perth conferenciaram ontem durante meia hora acerca das questões do Mediterraneo e especialmente, do Proximo Oriente. Os circulos officiosos consideram com optimismo a marcha das negociações e esperam que dentro de quinze dias se chegue a um accordo.—(Havas)

Novo embaixador alemão em Londres

LONDRES, 24.—Os meios diplomaticos britânicos declaram não ter recebido nenhuma confirmação oficial de Berlim, annunciando a nomeação provavel de Moltke, actualmente embaixador da Alemanha em Varsovia, para embaixador em Londres. Por outro lado observam com certo espanto que o governo britânico não tivesse sido solicitado para dar o «agreement» a essa nomeação, conforme as regras do protocolo.—(Havas).

A situação em Dantzig

BERLIM, 24.—O «Deutsche Allgemeine Zeitung» declara pura invenção as noticias relativas á prevenção das S. A. «Sturmabteilungen» de Dantzig.—(Havas).



ORNSBY GORE

LONDRES, 24.—De Dantzig comunicam ao «Daily Express» que mais de 500 judeus e suas familias saíram daquella cidade nos ultimos quinze dias. O mesmo jornal acrescenta que o consulado inglês é diariamente assediado por numerosos judeus para a concessão de vistos.—(Havas).

A politica externa da Yugo-Eslavia

BELGRADO, 24.—O presidente do Conselho e ministro dos Negocios Estrangeiros, Stoyadinovitch, leu esta manhã, perante o Senado, nos mesmos termos em que o fez recentemente na Camara dos Deputados, a exposição do governo sobre politica externa. No fim, o Senado manifestou-se com calorosas ovações.—(Havas)

Ministro lituano em Varsovia

KAUNAS, 24.—A legação da Polonia em Tallinn notificou o governo lituano de que o governo polaco dera o «agreement» á nomeação de Skirpa, representante da Lituania junto da S. D. N., para o posto de primeiro representante lituano em Varsovia. Skirpa parte no domingo para a capital polaca.—(H.).

Crise politica na Checo-Eslovaquia

PRAGA, 24.—O presidente da Republica e o presidente do Conselho aceitaram a demissão de Spina representante, no Governo, do Partido Activista Agrario Alemão, que se fundiu com o partido de Henlain.—(Havas).

PRAGA, 24.—O partido cristão social populista alemão deixou hoje a maioria governamental. Numa frente unica de combate os senadores e deputados cristãos sociais, em colaboração com os deputados e senadores do partido alemão dos sudetas, poderão defender por todos os meios legais—afirma-se—as reivindicações comuns a todos os alemães sudetas.—(Havas).

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais—Arte e Ménage—Alcáçim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

ARCADIA

Hoje — BAILE DE MASCARAS (MICARÊME)

Grande Sucesso do Ballet QUATRO LOVELY GIRLS e da artista bulgára DANTSCHEKA.

15 — NUMEROS DE VARIEDADES — 15

APÓS O "ANSCHLUSS,"

FORAM LIBERTADAS em Viena algumas individualidades

VIENA, 24.—Foram postas em liberdade varias pessoas, entre as quais figura o famoso oto-rino-laringologista dr. Neumann, que fôra acusado de exportação de capitais para o estrangeiro.

Anuncia-se, por outro lado, que prosseguem intensamente os preparativos para a campanha eleitoral. Instalaram-se altos falantes em todas as praças. Buerckel pronunciará um discurso na grande sala de «Musik Xerlin». Vão-se fazer modificações no grande recinto de patinagem, onde cabem varias dezenas de milhares de pessoas, para que a audição do discurso seja perfeita.

Noticia-se que o dr. Schacht partiu para Munich depois de curta estadia em Badgastein.—(Havas).

Uma cerimonia em Viena

VIENA, 24.—O general von Bock, comandante do 8.º exercito, presidiu ás 13 horas á parada da 10.ª divisão de infantaria na praça dos Heróis. Foi esta divisão a primeira que atravessou a fronteira no dia 12 de março entre Passau e Scharching. Com marchas forçadas, durante as quais se fizeram 50 a 65 quilometros por dia, conseguiu também ser a primeira a chegar ás portas de Viena. A parada assistiram 20.000 crianças das escolas. Durante o desfile, varias esquadrilhas de aviões voaram sobre a cidade.—(Havas).

A situação dos sociais-democratas

LINZ, 24.—Foram reintegrados todos os antigos empregados sociais-democratas da fabrica electrica e dos «electricos», que haviam sido licenciados por causa dos acontecimentos sangrentos de 12 de fevereiro de 1934.—(Havas).

O comercio bancario

VIENA, 24.—Os bancos vienenses e todas as casas que se ocupam de comercio em dinheiro austriaco deverão ter a sua contabilidade em marcos a partir de 28 do corrente. As operações com a clientela far-se-ão automaticamente em marcos, na base de 3 cheques por cada 2 marcos.—(Havas).

A GUERRA SINO-JAPONESA

Prossegue o avanço japonês

PEQUIM, 24.—Segundo informações aqui recebidas, muitos destacamentos comunistas ter-se-iam junto ao sul da provincia de Chanai e seriam repellidos nessa direcção, cedendo á pressão cada vez mais forte das tropas japonesas que continuam, sem interrupção, o seu avanço. Operações destes destacamentos vermelhos levam a concluir que tencionam juntar o grosso das suas forças para além do Rio Amarelo. Na provincia de Cansi, os japoneses continuam as suas acções de limpeza a nordeste da provincia de Chansi. Durante os ultimos dias os japoneses ocuparam além de varias localidades mais pequenas, as localidades de Pouping e de Shaujiang, e a região a oeste e ao sul de Peouting, na linha de caminho de ferro Pequim-Hankeou.—(D. N. B.)

Nova povoação ocupada pelos niponicos

TOQUIO, 24.—A Agencia Domei informa de Tsing-Tao que a localidade de Tou-Chou-Tchen, situada a aproximadamente oito quilometros ao nordeste de Lin-Yi-Hsin-Chow, na margem direita da ribeira Iho, no Chatung meridional, foi ocupada por um destacamento japonês ontem ás 13 horas.—(D. N. B.)

A mobilização niponica

TOQUIO, 24.—A Domei informa que foi aprovado sem emenda na Camara Alta o projecto de mobilização nacional.—(Havas).

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Este apêlo do «Diário de Lisboa» lançado a sugestões do paroco do Monte de Caparica, com o fim de se manter uma obra de assistência directa—a Sopa a três centenas de crianças, filhas dos pescadores da Costa—traz ao bico da pena dois temas flagrantíssimos.

Não os desenvolverei; limito-me a enuncia-los, com duas breves considerações.

Um é o que se refere à «imprevidência dos pescadores», estafado tema, que, quanto a mim, pouca aplicação pode ter em relação aos pescadores da Costa, esta bacia do litoral entre as torres do Bugio e a ponta da Rocha, a sul da Fonte da Telha.

A imprevidência dos pescadores! Mas como não-de eles prever ou prevenir-se?

Seria mister que nos supostos quatro meses de verão da pesca eles pudessem apanhar em virtude de boas colheitas para haver razão na acusação de imprevidência.

Tal não sucede.

Ha anos que o mar da Costa se mega a compensar, com regularidade que baste, os seus trabalhadores.

A escassez do peixe acentua-se, neste pedaço da Costa, pela sua situação e por causas varias, de ano para ano. E' um problema de ordem tecnica e científica. O primeiro ainda pode interessar os arrais e mestres, no aspecto da concorrência dos cércos; o segundo já não é com eles.

Alguma coisa que os homens do mar ali auferem no verão, e quando o mar dá—é para pagar as dividas do inverno.

Falar de previdência pessoal nestes termos é coisa explicavel apenas—e de boa fé, é certo—pelo desconhecimento da vida local.

Assim está a questão melhor colocada, por mais realista.

Onde se lê pescadores entende-se também peixeiros, aqueles que andam na venda rural do peixe que se colhe—e não se colhe.

Madrugadas e tardinhas seguidas, os peixeiros, dos dois sexos, descem ao litoral e voltam com as canastras vazias. No verão.

São duas classes afins; ambas vivem do mar. São a mesma familia, e não são raros os que exercem o mesmo mister indistintamente.

Filhos de «peixinheiros» e de pescadores, netos e bisnetos deles, filhos da Costa—como não-de eles ir procurar outras praias piscatorias?

E dezenas deles vão. Mas o grosso da columna capariquense fica, agarrado á casita, á areia, ás redes, que não são deles, á esperança do verão dos banhistas.

Dir-se-á então: «não há pois que falar de imprevidência...»

Não há.

Há que falar de previdência futura—dirigida. As actividades e soluções dirigidas não são muito

do nosso agrado. Mas neste caso são.

Observava ontem judiciosamente o sr. dr. Emidio Mendes:

Façam-se Casas dos Pescadores! Mais casas.

Eis a única solução que se nos reputa aceitavel.

Construir na Costa a Casa dos Pescadores, já com um fundo, que de momento os homens do mar não podem fornecer.

E' este um problema de tecnica social de alguma maneira complexo. E? Resolva-o quem sabe, e neste aspecto bastante se tem feito e adiantado nos ultimos anos.

Mas não acusem os homens de imprevidência.

E' comoda esta acusação para quem não conhece as agruras e as incertezas do mar.

O outro problema que me acode aos blocos da pena—é mais delicado. E' mesmo uma generalidade; sai do ambito local da Costa: a assistência dos ricos.

Se a crise na Costa é um facto, se a miséria é uma realidade, se a pobreza é quasi o panorama em toda a sua area, se crianças têm fome, sobretudo no inverno—há que acudir, sem se perder tempo a estudar o amago da questão.

Fez isso o prior da Caparica, e apaixonou-se pela idea. Ora na Costa, propriamente, há gente do mar ou ligada ao mar por velhas fainas e artes—não há ricos.

Mas há-os na região, embora não se contem pelos dedos.

—Faze o bem e não olhes a quem.

Ali não se aplica o rifão: Os «mais ricos» são os «mais distraídos». Há duas ou três excepções, e estas mesmo condicionadas; os proprietarios de vintena, têm os seus protegidos, a familia dos seus pobres, não podem chegar á Costa.

Depois o espectáculo da fome das crianças (que nós conhecemos) na Costa e nos campos—não está sempre patente diante dos olhos.

Uma criança vítima do fogo

PAREDES DE COURA, 23.—Ontem, na freguesia do Bico, deste concelho, á hora do recreio, devido ao frio que nestes dias se tem feito sentir, as crianças que frequentam a escola daquela freguesia lembraram-se de acender uma fogueira, e, para isso foram á residência, que, a poucos metros da escola, para o paroco se está a construir, e juntaram um monte de aparas de madeira a que pegaram fogo. Este, porém, comunicou-se aos vestidos de uma das crianças, de nome Narcisca Teixeira, de 8 anos de idade, filha de Manuel Teixeira, que tão horivelmente queimada ficou que sucumbiu horas depois.

ENG. JOSE CUSTÓDIO NUNES

Um grupo de amigos e admiradores do engenheiro José Custódio Nunes, da Hidro-Electrica Alto Alentejo, antigo presidente da direcção do Gremio Alentejano e actual presidente do Conselho Fiscal e membro do Conselho Regional, promove-lhe um almoço de homenagem no proximo dia 10 de abril, no Gremio Alentejano, onde se encontra aberta a inscrição.

Quem desce ao mar no inverno? Olhos que não vêem, coração que não sente.

Mas, enfim, há duas ou três familias da freguesia que são caridosas; não me desdenho de citar as familias Quintela e Ferreira Pinto.

Mas na regra geral—meu Deus!

Os ricos não sabem ser ricos!

Uma boa parte dos subscritores da Sopa do padre Baltazar pouco mais são do que pobres; remediados muitos, mas ricos—poucos.

E uma boa parte é gente de Lisboa.

De modo que este aspecto do problema não é exclusivo da Costa, não é o problema local agora batido, como se fôsse um caso unico.

E' infelizmente—reconheceu-o há tempos o Governo—muito geral. Caridade, filantropia, espirito cristão aplicado—há-os, não se pode negar por esse Portugal fora.

Mas não tão amplos quanto os credores confessados mandam; não tão bem distribuidos quanto a inteligência e a virtude natural aconselham.

E, em muitos casos, condicionados á idea religiosa, a um gosto especulativo das exterioridades.

Bem, pelo bem—não é verdade, padre Baltazar?—escasseia mais que papoulas em seara, depois de uma manhã de nortada.

* * *

Ha dias um preso do Limoeiro saiu da cadeia, para ir ao Tribunal, acompanhado de um guarda. Este, na rua, sentiu-se de subito doente.

O preso não lhe deu para aproveitar o lance—e fugir. Assistiu ao guarda, tratou dele, requereu socorros, tornou-se enfermeiro.

Do caso foi dado relevo. O facto em si tornou-se notorio.

O homem não fugiu? O homem teve coração? O homem foi um cidadão generoso como outro qualquer, livre e bem formado de alma?

EVASÃO DESASTROSA

Da cadeia de Mafra, instalada no Mosteiro, tentou evadir-se Antonio Coelho Soares, de 16 anos, marítimo, natural da Ericeira. Fê-lo, porém, com tanta infelicidade que, caindo de grande altura, fraturou uma perna.

Conduzido a Lisboa, encontra-se em estado grave na sala de observações do hospital de S. José.

HISTORIA DO VINHO DO PORTO

O nosso colega na Imprensa Elmano de Lage Simões Coelho, com a colaboração de alguns escritores e jornalistas, está a elaborar, para sair brevemente, a «Historia do Vinho do Porto», na qual serão focados, entre outros aspectos, a sua origem, historia das companhias produtoras e respectiva bibliografia.

Brindes...

A Mariazinha

não dá brindes...
porque serve bem.

NORBERTO DE ARAUJO

O teatro das vidas

Grande estranheza provocou o facto.

E' esta estranheza que merece um reparo.

A idea de que um infeliz a contas com a justiça (e que bem pode succeder que não seja um criminoso nem sequer esteja condenado) não é capaz de ter bons sentimentos—arripiã.

A promiscuidade das cadeias, para onde se atira gente por suspeita, por apparencia, não quero já dizer inocentes mas simples levianos que vão contaminar-se da lepra do crime—é problema por enfrentar na justiça portuguesa!—essa promiscuidade ha de forçosamente atrofiar nos individuos a noção do bem, o sentimento da humanidade?

Fôsse o homem um criminoso nato e perigoso (e não o era, porque nesse caso não vinha acompanhado de um simples guarda); fôsse o homem um ladrão profissional ou um assassino de maus figados, que mesmo assim não se poderia afirmar que lá dentro, no fundo da sua alma, não houvesse uma noçãozinha ainda de generosidade.

Mas não o era.

E a estranheza não esteve certa.

A homenagem, que no noticiário em relevo se quis prestar ao bom do preso, pareceu-me a mim singularíssima afronta.

* * *

Estão todos os países de linha preparados militarmente para a guerra. Uns mais do que outros; mas estão todos preparados para uma «grande guerra».

Todos são capazes de a fazer, de a suportar.

Succede apenas—que não querem. Aqueles dois ou três que me nos fingem temê-la, e com a guerra veladamente ameaçam os vizinhos, quasi desafiando o monstro, á força de actos audaciosos, de atitudes belicas, de palavras francas, esses mesmo não querem a guerra. Estão fiados na fraqueza suposta ou aparente dos outros.

E está-se assistindo a um espectáculo europeu espantoso de heroicidade: o de evitar a guerra. Se bem considerarmos—certos países, cujas atitudes e declarações dos responsaveis chegam a causar pasmo, ante os precedentes historicos, e nos levam a duvidar da sua propria dignidade; esses países estão praticando o acto mais nobre da historia contemporanea.

Diz-se que a guerra ha de vir, fatalmente, como um grande abcesso ha de fatalmente rebenotar. Por mim, não o creio; limito-me a admitir que me engano.

Mas se de facto a guerra não surgir, satisfeitos alguns appetites transitorios, e colocadas mais mes menos mes algumas potencias em posição de «alerta definitivo»—grande guerra se ganhou!

E é esta a guerra que todos nós devemos desejar que se ganhe.

NOVIDADE LITERARIA

ANASTACIO DA CUNHA

O LENTE PENITENCIADO

(VIDA E OBRA)

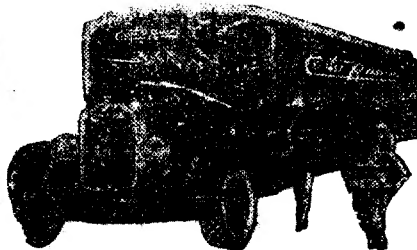
por AQUILINO RIBEIRO

1 vol, de 286 pags. broc. Esc. 12\$00; Enc. Esc. 17\$00

Pelo correio, à cobrança, mais 1\$50. A' venda nas livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73—Lisboa

PARA TAPETES E ALCATIFAS TÊM VÊ: UMA
CASA ESPECIALIZADA
R. IVENS, 3034 **QUINTÃO** LISBOA
APRESENTA **BEIRIZ E ARRAIOLOS** E EXECUTA
QUALQUER DESENHO



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

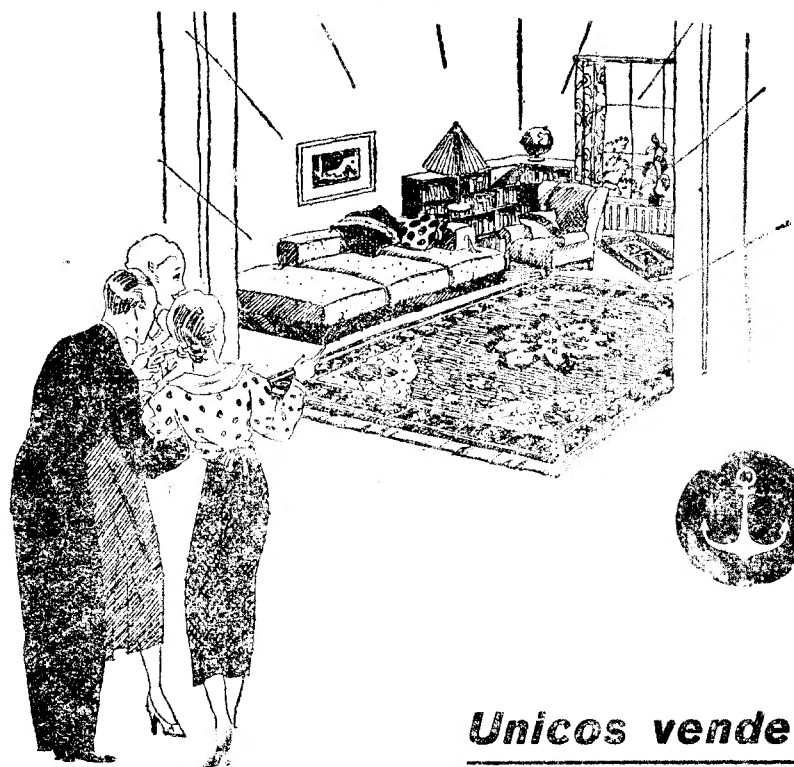
Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Juliao, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 7200



O que é um bom tapete?

- E' o que fôr fabricado com lã isenta de gordura e portanto sem mau cheiro, de pêlo fino, curto, sedoso e brilhante, a que a poeira não adere.
- Para o limpar basta sacudilo.

“ANCORA,,
é a marca dum bom tapete

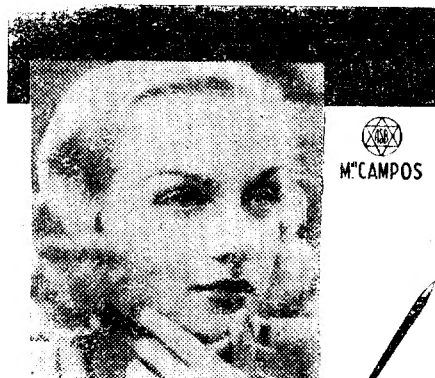
Unicos vendedores no Pais:

oliveira & Pinto

166, 170, Rua da Prata, 170, 172
Lojas e 1.º andar

Telefone P. B. X. 25944
End. telegr. «ERVIL»

75, 77, Rua dos Douradores, 79, 81
Armazens



MCCAMPOS

perfumes!

Para se produzirem bons perfumes, essências que se adaptem ao temperamento e tendências estéticas de cada mulher, o perfumista teve que conjugar os seus esforços de molde a obter para cada perfume uma característica especial.

O valor de um bom perfume está na sua maneira de ser quente, penetrante, delicado, ou de uma frescura graciosa e florida.

Dos nossos perfumes cuidadosamente estudados, uns mais tenazes como o MYSTIK, outros mais doces como o MONBIJOU, mais profundos ou mais suaves como esse encantador BRISE D'AMOUR, foram banidos os aromas frios, âcos ou amargos, que tornam alguns perfumes insuportáveis. Não. Cada um dos nossos perfumes tem aquela subtilidade precisa onde se adivinham emanções de estranhas flores, como no perfume MYLA, aromas por vezes indifiníveis como que envolvendo os corpos de sedas raras e invisíveis, «um qualquer coisa que anda no ar», um nada feito de mil nada que, como no perfume MISTERIOSO, se exala sem se saber de onde, que atrai sem se saber porquê.

V. Ex.ª já experimentou os perfumes da Academia Scientifica de Beleza?

Av. da Liberdade, 35, Lisboa

Telefone 2 1866

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Na prisão de ventre

DRALAX

FARMACIA ESTACIO

SEMANA DA TUBERCULOSE

A sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona recebeu ontem, no Palácio de Belem, as sr.ªs D. Laura Palha Infante de la Cerda, D. Helena Pacheco de Miranda e D. Maria Antonia Correia de Sampaio Castelo Branco, que, em nome da Grande Comissão de Senhoras de Beneficencia e Propaganda da A. N. T., lhe foram solicitar o seu valioso patrocínio para a «Semana da Tuberculose» que se vai realizar de 1 a 8 de maio proximo.

A esposa do Chefe do Estado gentilmente accedeu ao pedido e, para tal fim, assistirá á grande reunião que no proximo dia 5 de abril se effectuará na sede da A. N. T.

IV «SALON» DO ESTORIL-1938

A Sociedade Nacional de Belas Artes tem chegado instantes pedidos de artistas que desejavam concorrer com trabalhos a óleo, ao proximo «Salon» do Estoril, que este ano só admitia trabalhos de desenho, aguarela e pastel.

Sobre este assunto foi consultada a Sociedade Propaganda da Costa do Sol de quem tem partido a iniciativa destas exposições de arte.

Foi resolvido, de comum accordo e no intuito de dar a maximo brilho á exposição, aceitar os trabalhos a óleo, prolongando por isso o prazo de entrega dos boletins de inscrição e adiar para o proximo mês de abril, a inauguração do IV «Salon» do Estoril.

Os boletins de inscrição podem ser requisitados na Secretaria da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Combolo Especial Porto-Lisboa

Por motivo do desafio de football que no proximo dia 27, se realiza entre o Foot-Ball Club do Porto e o Sporting Club de Portugal, a C. P. fará um combolo especial que partirá do Porto na noite de sábado para doíngio para chegar a Lisboa de manhã regresso de Lisboa á tarde.

Preço da viagem de ida e volta: 80\$00 em 2.ª classe e 55\$00 em 3.ª classe.

Os bilhetes estão á venda na estação do Porto.

TAUROMAQUIA

Banquete a Simão da Veiga

Começaram a ser distribuidas as listas de inscrição para o banquete que vai realizar-se em meados de abril proximo, no «Club Maxim's», em homenagem ao primoroso cavaleiro Simão da Veiga Junior, cujo triunfo no Mexico se acrescenta dia a dia com retumbantes e novos exitos. O Grupo Tauromaquico «Sector 1», onde Simão da Veiga conta gerais simpatias, dá o seu entusiastico apoio á homenagem e já nomeou dois delegados á Comissão organizadora. A inscrição para o banquete pode fazer-se nos seguintes locais:

Grupo Tauromaquico «Sector 1», rua do Ouro, 191, 5.º; Club dos Restauradores (Maxim's), praça dos Restauradores, 43; Barbearia Fontes, praça dos Restauradores, 12; Tabacaria Portuguesa, rua Augusta, 117 e Relojoaria Angulo, rua da Prata, 148.

Para os filhos dos Combatentes

E' já amanhã que se realiza no cinema S. Luiz a «matinée» de caridade organizada pela Secção Auxiliar Feminina da Liga dos Combatentes da Grande Guerra cujo produto se destina a uma Colonia Balnear para filhos de Combatentes necessitados. Nesta «matinée», além da exhibição dum filme francês de alta categoria, haverá um fim de festa em que tomam parte alguns dos nossos melhores artistas do teatro de declamação: Palmira Bastos, Lucilia Simões, Ilda Stichini, Maria Clementina, Maria Lrlande, Raul de Carvalho, Samuel Diniz, Benamor o Villaret, que com uma boa vontade inextinguível deram a sua simpatica adesão á Comissão organizadora.

BARRO ESP. NOL

Toledano claro e escuro, a 1.ª qualidade, clarificação de vinhos da melhor mina de Toledo, chegou nova remessa. Drograria Tejo—R. S. Paulo, 102, Lisboa

“TIRO E CAÇA,,

O jornal de Mafra «O Regionalista» inicia brevemente a publicação dum suplemento intitulado «Tiro e Caça», orientado pelo sr. Humberto Caldas e com a colaboração artistica do sr. João Leal, nomes bem conhecidos no meio desportivo e, principalmente, entre os amadores de tiro e caça. Trata-se duma iniciativa interessante, que foi acolhida com agrado pelos numerosos caçadores portugueses.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Recompensa».
AVENIDA—A's 20 e 45 e ás 23—«Rosmaninho».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 23—«A Praça da Alegria».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«Olaré, quem brinca!».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
FIVOLI—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
FRINDEADE—A's 21 e 30.
COLISEU—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
JARDIM CINEMA—A's 21.
LVS—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
PARIS—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALA IDEAL—Rua do Loreto.

Brindes...

A Mariazinha

não dá brindes...
porque não está em decadencia.

D. D. D.

Especialidades INGLESAS

CONTRA

Eczemas, Acnes,
Ulceraes, Comichões,
etc.

O REMEDIO PARA A PELE

A venda nas Farmacias e Drograrias

DEPOSITO: R. Arco do Bandeira, 76-1.

Telefone 2 2785



.RAPOSAS

Prevenimos todas as senhoras que acabamos de receber grande quantidade de raposas «Argentées», em condições tais que podem ser vendidas por preços que ninguém pode fazer.

PELARIA CONFIANÇA

3 - RUA DA PALMA - 3

Telefone 28157

Casacos, capas, romeiras, etc. Esta casa curte, ting e confecciona

Vida desportiva

FOOTBALL

Campeonato da I Liga

A primeira jornada do Campeonato da I Liga é constituída pelos seguintes encontros:

No Porto (Linha):
Academico-Belencenses; arbitro, Manuel de Oliveira (Coimbra).

No Barreiro (Brossa):
Barreirense-Benfica; arbitro, Vieira da Costa (Porto).

Em Lisboa (Lumiar):
Sporting-Football Club do Porto; arbitro, Henrique Rosa (Setúbal).

Em Lisboa (Tapadinha):
Carcavelinhos-Associação Académica; arbitro, Antonio Pathinhas (Evora).

Todos os encontros começam às 16 horas.

Campeonato da II Liga

Os desafios da próxima jornada da II Liga são os seguintes:

Em Viana do Minho:
Valentim-Salgueiros; arbitro, Alvaro Santos (Coimbra).

Em Torres Vedras:
Torreense-1.º de Maio; arbitro, Carlos Canuto (Lisboa).

Na Marinha Grande:
Marinhense-Comimbricense; arbitro, José Travençolo (Lisboa).

Em Evora:
Juventude-Vitória; arbitro, Moisés da Cruz (Lisboa).

Em Beja:
S. L. e Beja-Lusitano de Reguengos; arbitro, Eduardo Augusto (Setúbal).

Os desafios começam às 16 horas.

AUTOMOBILISMO

A «Grande Prova de Estrada»

A «Grande Prova de Estrada» — uma das mais importantes provas de automobilismo que se têm organizado no nosso país — vai disputar-se de 21 a 24 de abril, sob a organização do Automóvel Club de Portugal e o patrocínio do jornal «O Seculo».

Destina-se a carros de turismo e desporto. O seu percurso é de 1.700 quilómetros divididos em quatro tiradas: Lisboa-Faro; Faro-Viseu; Viseu-Porto e Porto-Lisboa.

No final de cada tirada realizar-se-ão provas complementares. Em Faro, na prova complementar, os automobilistas são obrigados a descer um oito. Em Viseu, constará de rolagem e travagem. No Porto, aceleração e marcha atrás e arranque a frio. Em Lisboa, uma prova de regularidade e eficiência de travões.

O A. C. P. confere os seguintes prémios: 1.º, 10.000\$00; 2.º, 5.000\$00; 3.º, 4.000\$00; 4.º, 3.000\$00; 5.º, 2.000\$00; 6.º, 1.000\$00.

Haverá taças para os vencedores de cada tirada, a «equipe» feminina mais classificada; e a «equipe» de mais de três carros da mesma marca mais classificada.

UMA OPINIÃO VALIOSA

Quinze elogios á «equipe» portuguesa

O jornal «Fé», de Sevilha, publica uma interessante entrevista com o internacional Jacinto Quinze, muito conhecido e estimado em Portugal. Acôrda do «football» português, Quinze afirma o seguinte:

«Portugal, na sua eliminatória da Taça do Mundo, frente á Suíça que, como se sabe, se disputará num unico «match» em Milão, está destinado a desempenhar um grande papel, porque possui um grupo capaz de fazer uma boa exibição, deixando para trás o onze helvético. Tem, sobretudo, uma linha avançada rápida, que ha de arrancar grandes resultados».

TIRO AOS PRATOS

«Salva General Silveira»

No «stand» do Club dos Caçadores Portugueses, começa no próximo sábado, pelas 16 e 30, a disputa da valiosa salva «General Silveira», gentil oferta do exímio atirador Francisco Silveira e de sua esposa. O regulamento para disputa desta salva é o seguinte: uma volta completa de skeet com handicap sendo os desempates também a uma volta. A inscrição na prova é de 20\$00, estando incluído nesta importância o custo dos pratos, excepto os de desempate. Ao atirador classificado em 1.º lugar será conferida uma miniatura da salva; ao 2.º, uma medalha de «vermeilh» e ao 3.º, uma de prata. A disputa desta salva realiza-se todos os sábados, até posse definitiva, que será conferida ao atirador que primeiro consiga obter quatro vitórias seguidas ou seis alternadas.

HIPISMO

Taça Sociedade Hipica

Prossuem no domingo, ás 15 e 30, no hipódromo do Jockey Club, as «poules» hipicas promovidas pela Sociedade Hipica Portuguesa, para disputa da taça do mesmo nome.

BILHAR

I Portugal-Espanha

Foi adiado para o próximo dia 27 a inauguração do «match» Portugal-Espanha que estava marcado para amanhã.

A Associação Portuguesa de Amadores de Bilhar, ainda que contra sua vontade, viu-se forçada a fazer o adiamento por motivos imperiosos entre os quais avulta o facto do salão do Gimnasio do Liceu de Camões, onde se disputará o encontro, estar ocupado até o dia 26, por outras solenidades já anteriormente fixadas.

Esta competição na qual tem parte activa do campeão Alfredo Ferra, os distintos bilhelistas José Alabern, João Garcia e José Maria Amado, está despertando grande entusiasmo no meio desportivo ao qual tantas vezes é dado assistir a uma competição internacional de tão grande importância.

Os campeonos espanhóis Juan Batres (de torção 22 «decidos» mundiais) e J. C. B. Ch. G. G. hoje á capital.

TIRO A CHUMBO

No próximo dia 27 realiza-se, pelas 12 horas, a abertura do Campo de Tiro a Chumbo da Costa do Sol, em S. Pedro do Estoril, propriedade da Associação de Beneficência e Sociedades «Amadeu Duarte» com uma interessante torneio de tiro aos pratos em prancha e «sketch».

Se bem que se encontram ainda em construção os pavilhões e palanques, o «stand» está já concluído, verificando-se todas as previsões da sua admirável localização, sendo por isso de P. N. J.

esperar que os atradores ali encontrem o campo que se lhes tornava indispensavel para elevação da sua «forma».

Os premios constam de valiosas taças e outros objectos de arte, sendo aquelas oferecidas pela Sociedade da Propaganda da Costa do Sol.

NOTÍCIAS DO ESTRANGEIRO

Entre a antiga Alemanha e a antiga Austria

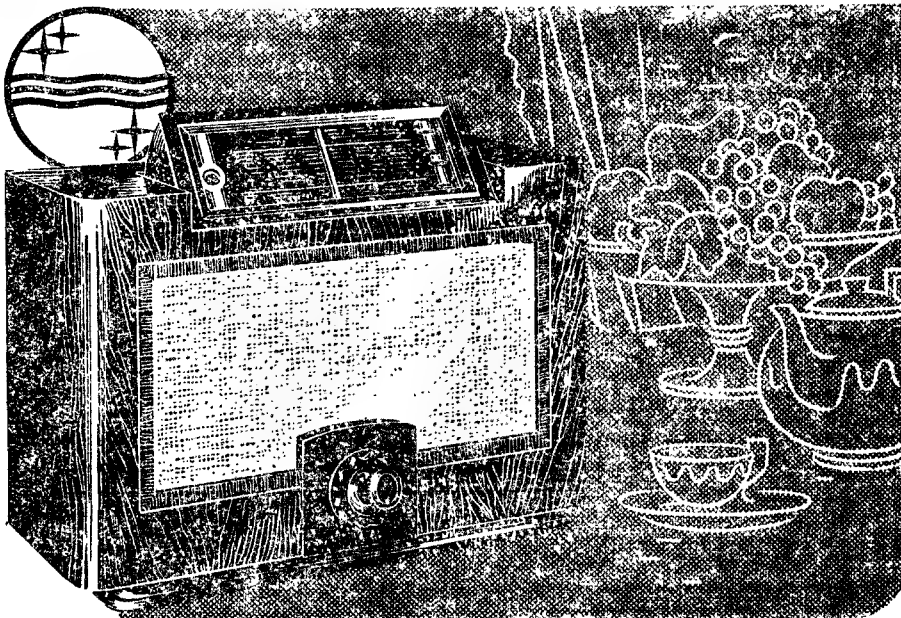
BERLIM, 23. — A semana de 27 de março a 3 de abril será dedicada a varios encontros desportivos entre a parte antiga da Alemanha e a antiga Austria. Na 27 de março, realiza-se um encontro de futebol entre a «equipe» nacional da parte antiga da Alemanha e da Austria. No mesmo dia realizam-se os seguintes encontros de football entre cidades da antiga Alemanha e da Austria: Linz contra Leipzig; Kassel contra Munique; Leipzig contra Nuremberg e Stuttgart contra Stuttgart (D. N. B.).

Um pedido da Letonia a F. P. F. A.

RIO DE JANEIRO, 23. A Federação de Futebol da Letonia pediu a F. P. F. A. para que em lugar do Amadorismo a Letonia para a participação no campeonato do mundo de football (D. N. B.).

Está escolhida a seleção do Brasil

RIO DE JANEIRO, 24. — Está escolhida a seleção nacional que em breve embarcará para a Europa, a fim de disputar o campeonato mundial de football. Os primeiros treinos começaram hoje, porém, amanhã as treinos — (D. N. B.).



«Serenata 38»

UM ORNAMENTO ENCANTADOR PARA O LAR!

Um receptor de T. S. F. deve condizer harmoniosamente com a decoração geral da habitação. Não deve destoar do conjunto e é imprescindível que permita ao seu possuidor uma alegria duradoura. O Serenata 38 de soberba apresentação oferece: garantia de qualidade e óptimos resultados. Peça uma demonstração. Veja e ouça. A sua opinião será favoravelmente entusiástica!

Série Sinfonica 38

PHILIPS



Todos os possuidores de receptores PHILIPS podem habilitar-se ao

GRANDE CONCURSO PHILIPS de «BOAS DIRECÇÕES»

Peçam informações á SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA.

PREMIOS NO VALOR DE MILHARES DE ESCUDOS

ALVITRES E RECLAMAÇÕES

A arborização

da Serra do Monsanto

e os interesses dos agricultores

Sr. director: Confiado no bom acolhimento que o seu conceituado jornal sempre tem dado ás causas justas, atrevo-me a pedir-lhe um pouco de atenção para o que passo a expôr, que, embora seja o meu caso pessoal, não deixa de ter um aspecto de interesse verdadeiramente nacional, que merece a pena considerá-lo.

Sou um dos cultivadores de trigo que, entusiasmado pela patriotica «campanha» da intensificação da cultura daquelle graminea, orientada pela superintendencia do nosso Ministerio da Agricultura e tão eficientemente recuadada pela «Campanha», se dá a trabalhar á árdua tarefa de arrancar as terras judicadas para a cultura do trigo do nosso cereal.

Desde já, como primeiro e mais agricultor, fui a primeira «célula» da campanha, em terreno que me fornece apanha das minhas forças, o de se converter para a prova de que o trigo do nosso cereal, não só não é a todos os pontos de vista.

Se a campanha, tendo por base a venda, há anos, uma grande extensão de terras na Serra de Monsanto, que dá origem á cultura do trigo.

Em novembro do ano passado, fui como vencedor nos primeiros concursos, em 25 moios de trigo, oferecidos a todos, na concessão de que, quando se volve a cultura á arborização da Serra de Monsanto, em tão anuenciada há mais de meio século, nunca era por a ser feita pela terra abrupta e violenta por que se está realizando. Era natural e humano esperar que não se procedesse, sem ter em conta o valor economico das searas, sem ter apenas as da sua colheita, não falando já de outros factores que mereciam a justiça de ser devidamente ponderados.

Resolve-se em plena primavera (!) «arborizar» uma serra, destruindo para tanto o pão de esplendidas searas, quando é certo que o país já está exportando ouro para pagamento de trigo exótico e quando o nosso Ministerio da Agricultura prossegue na intelligente defesa da cultura daquelle cereal, estimulando os agricultores a intensificá-la!

O signatário, como todo o bom lisboeta que deseja sinceramente o progresso desta bela capital, anseia pela criação do Parque Florestal de Monsanto. Mas, sr. director, não será com arvores plantadas em plena primavera, para mais em terrenos de altitude e em zonas castigadas por ventos fortes e constantes nesta época, que se conseguirá trabalho util e compensador dos gastos que se estão fazendo. E isto é tão verdadeiro que parece já haver-se reconhecido o inconveniente, constando agora que se abraçassem apenas as covas para se fazer o plantio no próximo outono (!).

Mas as searas, entretanto, serão destruídas, como já está succedendo, sem proveito para ninguém, antes pelo contrario, com manifesto prejuizo da economia nacional, a par da ruína de quem, sacrificando trabalho e capital emprestado, em boa fé acorreu a colaborar com o Estado na obra eminentemente patriótica da Campanha do Trigo!

Nestas condições, que premio recebem aqueles que cumprem o seu dever, arrancando ás terras, sabe Deus com que sacrificio, um pouco do pão que comem os portugueses e que tão caro lhes vai custando, pagando-o ao estrangeiro?

E como seria facil, sr. director, sem sacrificio de actividades particulares, sem opposição ao progresso municipal, efectivamente tão necessario, e sem prejuizo da economia nacional, conseguir-se uma solução justa e conciliatoria de todos os interesses?

Porque se não resolve deixar colher o trigo, fazendo-se em seguida as covas para o plantio do outono, como consta ser já á disposição da Camara? As colheitas estão feitas em julho, sobrando tempo para a abertura das covas e o plantio na época propria, então com exito assegurado.

Dê-se v., sr. director, ao incmodo de percorrer a serra de Monsanto, que então sentirá a força destas minhas razões, embora á custa do confrangimento de alma que lhe provocará o destroço impiedoso de searas esplendidamente nascidas e prometteoras.

Apêlo para o bom acolhimento do seu conceituado jornal, certo de que não deixará de tratar deste assunto, prestando, assim, ao país um serviço de alto relêvo, a par do auxilio humanitário que prestará, também, a um humilde agricultor e chefe de familia que não quer arrepender-se de haver concorrido com o seu esforço para uma obra patriótica.

Pedindo desculpa do tempo que lhe roubei e agradecendo antecipadamente a sua boa atenção para o que deixo exposto, subscrevo-me com a mais elevada consideração, de v. etc. — Carlos Manuel Rodrigues Zenida.

CAFE MARTINHO DA ARCADE
smera to serviço de almoços e jantares

MOSAICOS
Azulejos
GOARMON & C.^a
T. Corpo Santo, 17 e 21
Lisboa — Telef. 2 1059

ALUGA-SE

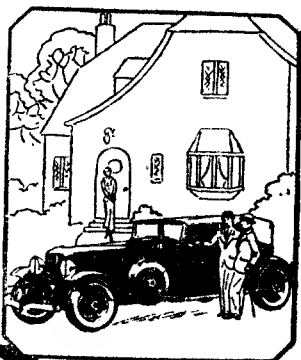
2.º e ult. andar, 13 d. amplas, todas c. j.
Terraço 3 lads. R. A. Cego, 57. Renda
modica. T. 47711.

Perfumes
FORVIL
EM TÔDA A PARTE

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268—Lisboa



O carro não
é novo...
é pintado a **DUCO**

Pois toda a gente supõe
que você tem um carro
novo! A pintura **DUCO**
deu realmente ao seu
antigo carro a aparên-
cia, o vivo colorido e a
resplandecência dum
modelo recente. Além
disso, é económica, dada
a sua resistência à acção
do tempo, impermeabili-
dade e duração de anos.



BETHENCOURT BROS. LDA.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO

Arrematação Judicial

No dia 26 do corrente, por 12 horas, na Ave-
nida da Liberdade, n.º 187, vai a 3.ª praça, sem
valor, um AUTOMÓVEL DUX, de 4 cilindros,
15 CV, 6 lugares, prestando-se a ser transfor-
mado em boa camioneta.

No mesmo dia, pelas 13 horas, á porta do
antigo Tribunal do Comercio, no Terreiro do
Paço, também serão praeçados, sem valor, di-
versos móveis; e

Um grupo de 25 ACÇÕES DA EMPRESA
TAUROMAQUICA LISBONENSE, dando di-
recto permanente a um camarote de 8 lugares,
sendo essas acções postas em almoeida ao preço
de Esc. 350\$00, cada uma, valor muito inferior
ao que têm.

Na mesma ocasião será também vendido um
magnífico TALHÃO DE TERRENO proprio
para construção, na estrada da BOCA DO IN-
FERNO, PARQUE GANDAKINHA, com a
area de 3.306 m², que avaliado em Escudos
115.710\$00, vai agora a 2.ª praça, por metade,
ou seja por Escudos 57.855\$00.

8.ª Vara, escrivão sr. Alberto Ferreira.

Mullard

O receptor de reprodução Impecável!

Representante geral:
J. PINHEIRO DAVID — R. dos Panqueiros, 62-2.º E.—Telf. 2.6546

POR 5\$000

Semanais, todos podem adquirir Relogios de
todas as marcas, joias e objectos em prata,
inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Pres-
tações, com Bonus em todas as loterias, prazo
de pagamento 30 semanas, podendo o objecto
ser adquirido á primeira prestação somente
por 5\$000. F. de Sousa Torrealis, Rua de S.
Paulo, 106. Telef. 26518.

+ PARTEIRA

ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos, Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Substitue

pintura



Substitue

estruque

para decorações interiores e exteriores

Duração eterno

Impermeável

Económico

Distribuidores

BETHENCOURT BROS. LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

Agência no Norte:

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal,
S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO

Partidas de Portimão	8,15
» » Lagos	9,00
» » Bensafim	9,26
» » Aljezur	9,55
» » Odeceixe	10,20
» » Odemira	11,05
» » S. Luiz	11,30
» » Cercal do Alentejo	11,50
» » S. T. Cacem (almoço) ...	13,25
» » Grandola	14,20
» » Alcacer do Sal	15,00
» » Aguas de Moura	15,45
» » Setubal	16,30
» » Palmela	16,45
» » Moita	17,05
Chegada a Barreiro	17,20
» » Lisboa T. P.	18,00

PARTIDAS DE BARREIRO

Partidas de Lisboa T. P.	7,35
» » Barreiro	8,15
» » Moita	8,30
» » Palmela	8,50
» » Setubal	9,10
» » Aguas de Moura	9,50
» » Alcacer do Sal	10,45
» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Cercal do Alentejo	13,55
» » S. Luiz	14,10
» » Odemira	14,40
» » Odeceixe	15,20
» » Aljezur	15,45
» » Bensafim	16,20
» » Lagos	16,45
Chegada a Portimão	17,25

**SERVIÇO
RÁPIDO
E CONFORTÁVEL**

Embarque e desembarque
nas Estações do Terreiro do
Paço e Barreiro-Mar

O trajecto pela via fluvial
é feito pelos
magníficos barcos da C. P.



PRODUTORES DE LEITE

Se quereis LEITE LIMPO, utilizai o
FILTRO MARCO
que vos proporcionará uma filtração RÁPIDA e re-
terá todas as impurezas visíveis e invisíveis que o
leite continha.

O FILTRO MARCO

faz com que o vosso leite seja um ALIMENTO DE
QUALIDADE para todos, velhos e novos, e UM AR-
TIGO DE PRIMEIRA ORDEM para o fabrico de man-
teiga e queijo.

Aparelho simples, sólido, eficaz e de duração il-
mitada. Custo de manutenção insignificante.

Unicos Agentes em Portugal e Ilhas Adjacentes
A. SILVA & FIGUEIREDO, LTD.
RUA DAS JANELAS VERDES, 2.º — LISBOA

Os pedidos podem ser feitos directamente ou á
firma

Gonçalves & Sousa, Ltd.
RUA DA GLÓRIA, 2-A — LISBOA
Telefone 2 9603

Acceptam-se ofertas para agentes.

Automobilistas — T. S. F.

Philco - Delco - Motorola - Philips

Os melhores auto-rádios do mundo—Equipam
de fabrica todos os automoveis americanos e
europeus—Montagens como as de fabrica (sem
supressoras)—Quadrantes e antenas para cada
tipo de carro—Reparações rapidas por pessoal
especializado—Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)
Telef. 42789

Todos os vitrais do exímio artista Ricardo
Leone, estão sendo colocados com

STOPSTARA

produto de inteira e absoluta confiança!
Nas instalações de Lisboa Filme L., e
Banco Espírito Santo e Comercial de Lis-
boa empregou-se **STOPSTARA**.
Não hesite; prefira este magnífico produto!
Peça demonstrações a Antonio Augusto
Pedrosa, R. Arco do Cego, 38, 1.º, D.,
T. 40323.

SEMPRE QUE tenha de fazer algum
seguro contra fogo, quebra de vidros ou aci-
dentes no trabalho, deve, no seu interesse,
consultar a

Companhia de Seguros «O TRABALHO»

**Segura bem porque
está bem segura**

Rua José Falcão, 211—PORTO

Delegação em Lisboa:

J. T. Pinto Vasconcellos, Lda
Praça Duque da Terceira, 24



Brindes...

A Mariazinha

não dá brindes...

porque os seus clientes não são
interesseiros.

Os seus clientes sómente que-
rem ser bem servidos. Nada
mais.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28

(á igreja de S. Domingos)

SENHORAS

E' no Rossio, 93, 1.º, Dt.º, que se
fazem as lindas permanentes a 15\$00,
sem fios e sem electricidade, a titulo
de reclame.

**SALÃO ROSSIO, 93, 1.º, Dt.º, te-
lefone 26431** — tem elevador.



FACTOS E NÃO PALAVRAS

Para que as lâmpadas
durassem mais de 1.000
horas seria necessário
reduzir a luz produzida
e aumentar o consumo
da corrente o que era
anti-económico. Com-
pre **LUSTRA** que dura
em média 1.000 horas.

Distribuidores:

Antonio José Fernandes, Lda
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

ANIZ SIAM O MELHOR

Comarca de Lisboa

Tribunal Judicial da 7.ª Vara

Por esta Vara a 1.ª Secção, correm editos de
6.º dias citando Ermelinda Gomes Leite, que
teve o seu ultimo domicilio no lugar da
Cruz, freguesia e concelho da Feira, e actual-
mente ausente no Brasil, para no prazo de
vinte dias, findo o prazo dos editos, contestar,
querendo, a acção de divórcio litigioso que
contra ela requer seu marido Joaquim Mo-
reira da Silva, que foi morador naquele conce-
lho e lugar da Piedade, também da freguesia
da Feira e actualmente residente no Rio de Ja-
neiro, com o fundamento nos arts. 1.º, 5.º e 8.º do
artigo 4 do Decreto de 3 de Novembro de 1910,
Lisboa, 7 de Março de 1938.

O Chefe da 1.ª Secção
Daniel de Matos

Verifiquei: O Juiz Substituto da 7.ª Vara
E. Sarmento

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

28 DE JANEIRO DE 1522

Camões e a astrologia

por Mario Saa

Deu-nos Camões a disposição dos astros no seu dia, pelos vastos conhecimentos que possuía da ciência astrológica. Mostrou que estava certo nas suas informações, porquanto correspondem elas a uma realidade celeste, não longe da data natalícia que lhe assinaram os seus antigos biógrafos.

Realiza-se tal aspecto celeste uma só vez em 42.000 anos, e, logo, por coincidência miraculosa foi cair de 27 para 28 de janeiro, de 1522 — quando os biógrafos variam o seu nascimento entre 1517 e 1524.

A precisão da hora não deve causar espanto a ninguém. Aos horóscopos, ou antes, às figuras horoscópicas, interessa, principalmente, a hora. Mais dia menos dia, e a eficiência cabalística é a mesma. Levantada a figura segundo esse critério, o astrólogo que sobre ela lance a vista ou tome conhecimento da sua descrição literária, lerá imediatamente a hora, quando, para inferir do dia e do ano, terá que recorrer a cálculos astronómicos. Parece, pois, incrível que, pessoas que transpõem tão vastos conhecimentos astrológicos, desconheçam estes factos tão rudimentares, e venham dessa ignorância fazer alarde em jornais.

* * *

A astrologia dividia-se em física e judiciária. Aquela evolucionou, e chama-se, hoje, astronomia; esta, conserva-se permanentemente igual, e chama-se, simplesmente, astrologia. A Judiciária tinha por fim, e tem, tirar conclusões, ou juízos, das posições dos signos e planetas com intuitos de prognosticação de tempos, de destinos colectivos e pessoais.

Camões conhecia uma e outra, e mostrou nelas tanta suficiência, que bem o pudemos denominar astrólogo, ou seja, perito na arte dos astrólogos.

Dizer que a astrologia era contrária ao espírito do cristianismo é afirmação duma supina ignorância.

Os tratadistas da época, imprimiam livros de especialidade com todas as licenças do Santo Ofício, e introitos neste teor:

«Criou Deus miraculosamente ao primeiro homem... deixando ao Sol e à Lua, e mais planetas e signos, como CAUSAS SEGUNDAS.

... E como os ditos planetas na criação do mundo por Nosso Senhor, fôsem dotados de varias influencias, nascem as varias condições, qualidades, compleições, que ha nos homens, segundo a benignidade ou malicia das influencias do signo e planeta que domina em o nascimento de cada um».

E ainda: «... porque pelas influencias dos signos e planetas, como SEGUNDAS CAUSAS, assim é a vida nos corpos inferiores».

(Cardoso de Sequeira, matematico do sec. XVI, *Thes. L.º IV, Trat. III, cap. 5 e 29*).

Camões, nos *Lusiadas*, no seu discurso dos astros (que divide em benignos e malignos):

Ensina-o a Profética ciencia
Em muitos dos exemplos que apresenta;
Os que são bons, guiando favorecem,
Os más, enquanto podem, nos empecem.

(X, 83)

E remata:

Entim, que o sumo Deus que por SEGUNDAS CAUSAS obra no mundo, tudo manda.

(X, 85)

Havemos de convir que isto nada tem que ver com a astrologia...

Pois não apenas tem que ver como é, até uma profissão de fé astrológica!

— Mas sabe o leitor a razão porque Camões não podia crer na astrologia?

— Porque era cristianissimo... isto é, porque era mais papista que o Papa! «Astrologus potest proeddicere futura...», escreveu-o São Tomaz de Aquino, na *Summa Theologica*.

Os mesmos argumentos que serviam a defender o livre alvedrio ou livre arbitrio, em relação á determinação da Providencia de Deus, ou *Primeira Causa*, serviam para o defender em relação ás *Segundas Causas*, os astros. Isto é óbvio.

Era uma crença geral, e Camões era, bem, um homem do seu tempo. As proprias Ordenações do Reino, condenando os adivinhões, ressaltavam os astrologos — quando façam os seus juízos segundo as regras da dita ciencia. (*Ord. L.º III, tit. IV*).

Não era por hiperbole literaria, tão contrario ao espirito de Camões, que o nosso Poeta se confessou, por toda a *Lírica*, devoto da astrologia. De resto, esta crença parece averbada aos poetas por um fatalismo congénito. E se poetas houve no sec. XVI que ridículo atraíram sobre certos astrologos que se punham a adivinhar diluvios onde vinham a acontecer grandes secas sobre aqueles que, por essas ligeiras sátiras, vão inferindo da descrença astrológica dos seus autores...

Camões, na sua astrologia, cristã, subordinada á Providencia de Deus, ora acentua a *Causa Primeira*:

Chamam-lhe Fado máo, Fortuna escura,
Sendo só Providencia de Deus, pura.

(X, 38)

Ora as *Segundas Causas* acentua:

«Amor» fero e cruel, Fortuna escura,
Bem tendes vossa força experimentada:

(son. «Grão tempo»)

* * *

Termino este 1.º artigo por um caso anecdótico, ligeiro, que serve a pôr em destaque a infelicidade das pessoas que intervieram na discussão do assunto. É um caso serio pelo que tem de sintomatico e pelo que pode desacreditar pessoas e saberes de quem já (de certos lentes) se qualificava el-rei D. João III ao reitor da Universidade de Coimbra: ... curam mais de mostrar suas suficiencias que de ensinar os ouvintes, no que vai grande prejuizo para estes...

Precipitam-se. Têm pressa de emitir opiniões, têm medo de perder a vez. A ciencia e o jornalismo também têm a sua tropa de choque; e são estes. Habilitados para todos os assuntos em 24 horas; á tabela!

Depois de longo estudo afirmel, em artigos neste jornal e que serviram de sucinta base á apresentação dum relatório astronomico (era natural que se esperasse o seu desenvolvimento; mas não), o seguinte: «Qualquer dos sete planetas pode ser fortuna... Das sete fortunas, Saturno é astrológicamente a pior». Ninguém suspeitaria que houvesse tão sagaz leitor que daí depreendesse a afirmação de que Fortuna fosse sinónimo de Saturno! Uma leitura feita desse modo estaria sete vezes errada... quantas as fortunas! E, contudo, fez-se, a tal leitura aberrativa. E fez-se um catalogo de citações de Fortunas, por Camões, para demonstrar que que Saturno não podia ser sinónimo de... Fortuna! Inútil trabalho! Pior desgraça que não acertar no alvo, e, nem sequer, lobrigá-lo... O autor do catalogo é Ricardo Jorge. O seu, a seu dono.

Mas o primeiro estenderesse é o da sr.ª D. Augusta Gersão, de Coimbra:

«Apenas mostrarei que são falsas as duas premissas basilares das conclusões do sr. Saa: 1.ª) Fortuna igual a Saturno; 2.ª) Combustão igual a conjunção...

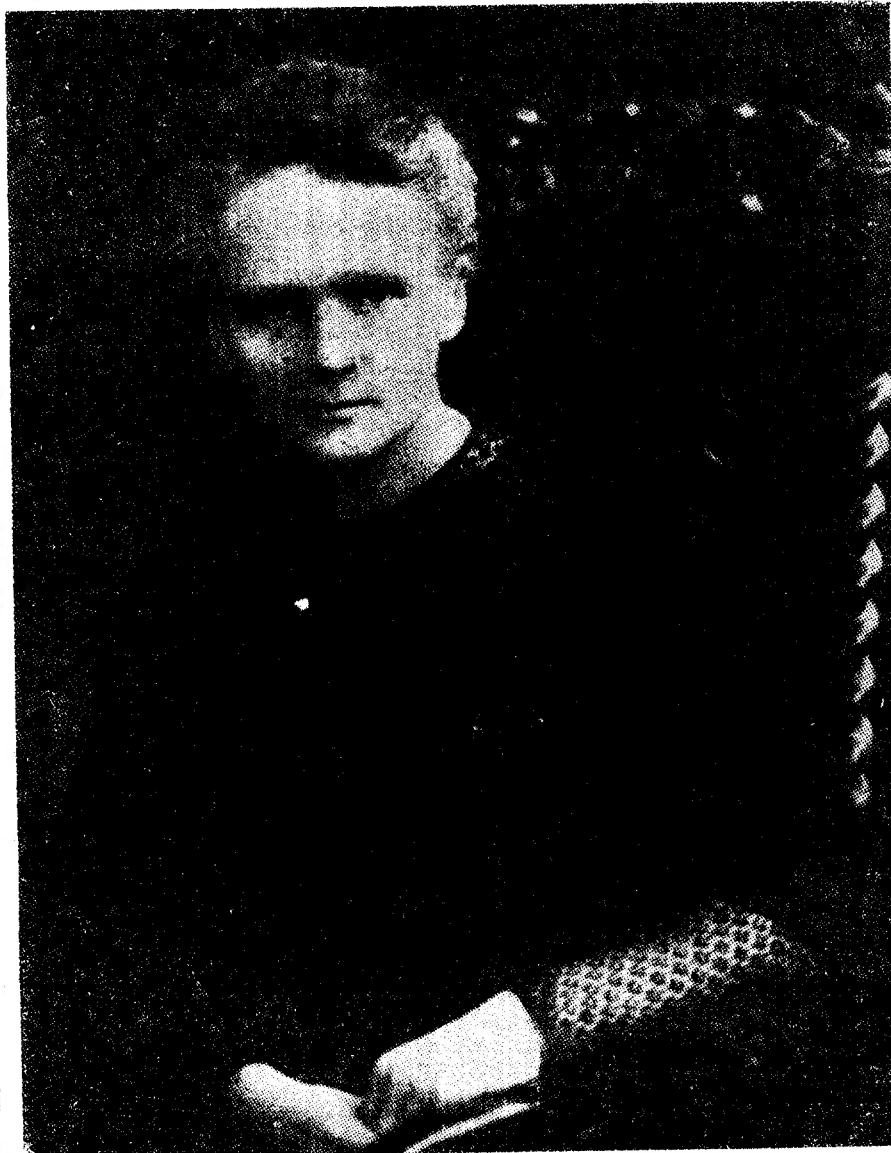
... Foi supondo que Fortuna e Saturno eram uma e a mesma coisa e que combustão era sinónimo de conjunção que o sr. Saa recorreu aos cálculos dum astrónomo. Fosse qual fosse o resultado, seria de valor nulo». (Augusto de Faria Gersão Ventura, in «Diário de Notícias», 16-2-938).

Parece impossível que nesta base assentasse todo o peso da crítica! A simpática leitura fez escola por a irresistível sedução que os disparates oferecem.

«Então Fortuna não é Saturno?... — Nem nunca o foi na antiguidade em que havia uma deusa da (sic.) Fortuna... Nem o foi na propria astrologia, como está demonstrado pela professora citada, a pessoa entre nós mais autorizada na materia». (Ricardo Jorge in «Diário de Lisboa»).

Após estes, outro senhor:

(Ver continuação na 4.ª pagina)



MADAME CURIE

que foi agora biografiada numa obra admiravel por sua filha Eva Curie

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Bibliografia francesa

«MADAME CURIE», por Eva Curie

É um extraordinário caso humano, que uma existência de excepcional beleza romantizou com invulgar interesse. Não se pode pronunciar o nome de madame Curie, sem um fremito profundo de admiração. O artifício literário tem complicado de tal maneira a máquina de escrever, de sentir, de criar tipos, que um alma séria e nua de realidade total, como esta que se deu inteiramente, em halocausto à ciência, nos maravilha e assombra. A sua vida é, pois, literatura pura, exacta, cheia de paixão e apaixonante. Eva Curie ergueu neste livro o mais belo monumento, a obra transcendente de seus pais. De facto, não se pode dissociar o labor dum do de outro. Ambos, á custa de trabalhos implacáveis lutando contra a mais estranha adversidade com uma veemência de iluminados, descobriram esse metal raro e precioso, o rádio, que revolucionou a ciência moderna. Mas Eva Curie não aponta secamente factos, como um banal historiador. Fez um romance humano, patético, atravessado de clarões de ternura, de glória de poesia, escrutando, profundamente, a alma dos dois sábios, na zona mais profunda da sua intimidade. Começa com a adolescência de *Madame Curie*, que é ainda a pequena Mania, nascida na Polónia, no lar humilde dum professor. Ha nos seus olhos de «outro mundo» como que a predestinação duma vocação transhumana. Ganha, duramente, o pão cotidiano como professora, mas um belo dia, Paris tenta-a. Conhece, pouco depois, Pierre Curie, que se torna seu esposo. O casal admirável inicia, então, a epopeia da descoberta do rádio. Durante longos meses num barracão terreo, sem aparelhagem, procuram o misterioso metal. Madame Curie decantando toneladas de jorra de *pebble* consegue isolar um metal, a que dá, em homenagem á sua pátria distante, o nome de *polonium*. Mais tarde os dois sábios conseguem, finalmente, «aprissonar» os primeiros sais de rádio. Mas não é ainda a glória. Dias tristes, dias sombrios, em que ela, sem abandonar o seu labor científico, tem de ser mãe indulgente e carinhosa. Bem depressa o rádio com a sua luz perfurante conquista o mundo.

Pierre Curie deseja um laboratório, mas não lho dão. Quando pretende entrar, incitado pelos amigos, na Academia das Ciências, é vencido, o mesmo sucedendo a *Madame Curie* só por ser mulher. O estrangeiro, porém, aclama-os. Têm o Premio Nobel, medalhas, homenagens, enfim, a consagração mundial. A morte de Pierre Curie, vítima dum acidente brutal de trânsito, nas ruas de Paris; a primeira lição de madame Curie, na Sorbonne; a sua vida entre o laboratório e o lar, a sua acção na guerra, e a sua viagem triunfal aos Estados Unidos, são, admiravelmente descritas, nesta obra de profunda emoção.

Madame Curie não é, apenas, um livro para os investigadores da física, da química e do organismo humano, que nele verão a luta terrível e genial que foi preciso para descobrir o rádio, e como o sacrifício dos Curies foi transcendente para a causa humana, mas um livro para todos, porque documenta a mais bela epopeia científica da nossa época. — (Gallimard).

«INTRODUCTION A LA POETIQUE», de Paul Valéry.

A entrada no Colegio de França do autor illustre de *La Jeune Parque*, numa cathedra que foi, propositadamente, criada para ele, constitui um alto serviço prestado á literatura de todos os países. Não se trata duma méra consagração, aliás justíssima, mas de abertura duma admirável tribuna intelectual, cujas mensagens espirituais terão uma profunda repercussão. Valéry é hoje a figura mais representativa da poesia francesa. Deu-lhe uma bela substancia de idéas, afinando-a em ritmos admiráveis. Dir-se-ia um arquiteto apaixonado pelas linhas mais puras e simples da construção lírica. O seu canto é uma poderosa notação matematica, que se desenvolve intemporal. Qual o seu segredo? Nesta *Introduction á la poetique*, Valéry fala-nos no ensino da poetica, marcando notáveis perspectivas criticas.

Diz-nos como encara a historia da literatura, «historia do espirito no que ele produz e consome da literatura», e a razão por que adoptou o termo *Poetica* e não poesia. Os seus raciocínios são lapidários, duma estetica pura e fluente. A segunda parte do livro é preenchida pela sua primeira lição no Colegio de França, uma autentica lição de mestre. Insurge-se contra aqueles que convertem a poesia em textos mortos, dissecando-os em complicadas analyses, roubando-lhes assim toda a sua substancia. Diz mesmo: «...Je ne cesserai de condamner la pratique detestable qui consiste á abuser des oeuvres les mieux faites pour créer, et développer le sentiment de la poesie chez les jeunes gens, á traiter les poemes comme des choses, á les découper comme si la composition n'était rien, á

POEMA DO ALÉM

Fazer um poema sobre a quarta dimensão?
Revelar o que existe no hiperespaço?
Ja oíço o gargalhar da multidão,
arregalando o olhar céptico e bago.

E, no entanto, é facil penetrar no Além.
Basta só, para isso, ser Poeta:
possuir uma vista como ninguém tem,
e a asa inquieta.

Fecham-se os olhos. Extase. Adiante...
A nossa alma, como um passaro de ouro,
vôa, o éter radiante,
ao outro mundo — que é o vindouro.

Riam-se os sábios e os cientistas,
presos ás três dimensões.
Riam-se eternamente os dogmatistas,
contemplando o seu cubo de ficções.

Eu, daqui, preguntarei:
— Então, na Morte terminava a Vida?
Não existia outra ignorada lei,
moutra esfera indefinida?

Que idéa tão indesejavel, negra!
Nascer... Crescer... Envelhecer...
Depois (sem excepção á regra)
ir para a cova apodrecer...

Era uma vã e efemera doutrina,
que só o proprio Diabo inventaria:
filosofia assassina,
feita de cobardia.

O Cáois... O Nada... A Materia absoluta...
O Não-Ser tenebroso...
Jamais a aurora, a luz, a vida, a luta,
a esperança no Amor vitorioso!

E a alma? Aonde essa presença ingente,
que habita oculta nesta forma humana?
Aonde o autor ou mente
dessa tragi-comedia mistico-profana?

Devieis já saber que o medir e o pesar
são simulacros só para olhos videiros
A existencia ão cabe entre os ponteiros
de um compasso, ou em dois pratos a balançar.

Ora, eu que passei além da quarta esfera
dimensional e intangível,
vejo que a «realidade» é uma quimera,
e que a logica está no «invisível».

Vivemos mergulhados num oceano argento
de átomos e eois vibrantes,
cujas ondas de luz chegam ao pensamento,
indo e voltando ás praias mais distantes...

O Além é vencer o tempo e o espaço.
Matar a Besta e despertar o Anjo.
Ser o divino laço
entre o «fiat lux» e o esqueleto macanjo.

OCTAVIO DE MARIALVA

Quando já se sentára, provocou, porventura, a edição deste livro, feito dos mais belos trechos da sua obra. Lacrosette é, digamos, um setndhaliano illustre com uma profunda paixão pela análise dos caracteres e as suas frases finas e delicadas, duma elegancia e duma *mesure* bem francesas.

Ha na sua obra como que um acôrdo entre o real e a *reverie*. Extrai-se da vulgaridade do romance de conflito, nervosamente acionado, para o desenho de almas sensitivas que, lentamente, deixam correr o tempo. Lacrosette tem em *Les Hauts-Ponts*, romance ciclico, que abrange quatro volumes, onde se historia uma familia, porventura, a sua melhor obra.

Ha nele tipos humanos que são dos mais bellos, dos mais bem estudados, psicologicamente, da literatura francesa. *Sabine*, cuja alma parece extasiada de brancura; *Lize*, des *Fiançailles*, que tem como que uma existencia vegetal e Alexis, *Des Annés de Esperance* e de *La Mannaie de plemb* schizoide cujas ondulações espiirtuais chegam a atingir a mais alta poesia, no seu mundo imaginario, são admiráveis criações psicologicas de «inquiéto», de isolados, de caçadores de quimeras.

Lacrosette disse um dia que escrevia para estudar um temperamento. E, na verdade assim é, talvez, com uma certa melancolia, que nos subjugam tão penetrante e subtil se acusa.

Em *l'orceaux Choisis*, em cujo portico André Maurois escreveu um subtil prefacio, encontra-se o melhor da obra de Lacrosette. Páginas, que se podem ler isoladas da «Vida Inquieta de Jean Hermelin», de «Silbermann», «La Bonifas», «Amour Nupcial», «Les Hauts Ponts», e outras, contendo a segunda parte do livro uma série de estudos e ensaios, onde se devem destacar *Letres Espagnoles*, com uma interpretação das telas de Greco e Goya. — (Gallimard).



souffrir, si non á exigér qu'ils soient recités de la sorte que l'on sait, employés comme épreuves de mémoire ou d'orthographe, en un mot, á faire abstraction de l'essentiel de les ouvrages, de ce qui fait qu'ils sont ce qu'ils sont et non tout autres, est qui leur donne leur vertu et leur nécessité».

Em Portugal, infelizmente, não se tem feito outra coisa dos *Lusiadas*. — (Gallimard).

«MORCEAUX CHOISIS», de Jacques Lacrosette, com um prefacio de André Maurois.

A recente entrada de Jacques Lacrosette, na Academia Francesa, onde um seu glorioso as-



Agora que se celebrou em França, o cinquentenario do «J'acuse», e que o cinema se apoderou da figura de Zola, vai ser vendida, em Amsterdão, uma importante biblioteca, onde ha uma carta curiosa de Maupassant, datada de 17 de janeiro de 1887. Diz ele:

«Já não creio no naturalismo, como não creio no realismo e no romantismo. Estas palavras, na minha opinião não significam absolutamente nada e só servem para conflitos de temperamentos opostos. São apenas palavras».

Falando da jovem escola, a que pertence, o autor da «Boule de Suif» confidencia:

«Ela encarnará nalguns talentos mas desaparece, o que ficará? Algumas belas obras dos seus homens mais notáveis. Zola é uma personalidade magnifica, fulgurante, necessaria. Mas a sua maneira é uma manifestação de arte, e não um resultado».

E Maupassant recomenda:

«Esta carta não deve sair da sua intimidade. Ficaria penalizado se a mostrasse a Zola, que amo de todo o meu coração, e que admiro profundamente, porque ele se podia susceptibilizar».

Esta carta, escrita na epoca em que Maupassant entrou no jornalismo, exprime algumas das idéas literarias que, mais tarde, defendeu no «Gaulois», quando appareceu o livro «Soirées de Médan».



Um amator fez um curioso estudo historico sobre a vida da Academia Francesa, inspirando-se na lei do numero. Os «fauteuils» 26 e 27 são aqueles, que depois da origem

dos quarenta, têm tido menos titulares. Por outras palavras: são aqueles onde se morre menos. Já o mesmo não se pode dizer dos «fauteuils» 25 e 28. Aí a chamada immortalidade tem sido frequentes vezes desrespeitada pela morte. Actualmente pertencem, respectivamente, a Maurice Donnay e Claude Farrère.

O «fauteuil» que dá longa vida aos seus ocupantes é o 26, que é agora de René Doumic. Tem sido o menos ocupado através dos seculos.

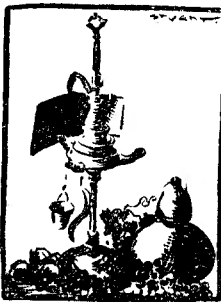


A Editora Educação Nacional, do Porto, publicou agora na «serie vermelha» os seguintes livros, quasi todos obras primas da literatura, destinados a grande divulgação: «As aventuras de Pickwick», de Dickens; «O coronel Chabert», de Balzac; «A mão encantada», de Nerval; «Esposa e Martir», de Berthem Bontroux; «A cabana do Pai Tomaz», de Beecher Stowe; «Eugenia Grandet», de Balzac e «Pecados Vermelhos», de Gregorio Czizk.

NOVIDADE LITERARIA



A' venda em todas as livrarias



Nos milhares de saborosíssimas páginas que formam as «Memórias» da duquesa de Abrantes, apuram-se bem cerca de trezentas especialmente interessantes para nós, portugueses, por dizerem respeito à época em que a formosa dama estanciou en-

tre nós, observando as nossas paisagens, os costumes populares, as intrigas dos meios políticos e mundanos, etc. Estas páginas, todavia, conservam-se desconhecidas fora do restrito círculo erudito, não só por ninguém se ter abalancado ainda a traduzi-las como também por se tornar muito dispendiosa a sua leitura na edição original, que em seu conjunto atinge dez volumes. O mesmo, aliás, se dá com outra obra congénere que, quer no plano meramente pitoresco, quer no de subsidiário da história, pede meças àquela: referimo-nos aos «Sketches of society and manners in Portugal», série de cartas que A. W. Costigan escreveu da nossa terra para Londres e que, por volta de 1778, foram ali impressas em dois volumes, hoje extremamente raros. Chegamos, porém, agora a grata notícia de que o escritor Cesar de Frias se impôs a tarefa de transpor para a nossa língua, tanto um como outro desses notáveis depoimentos lusitanos, anotando-os onde isso se faz mister, e que aquilino Ribeiro valorizará as duas edições com amplos prefácios-estudos, nos quais, sob a sua pena vigorosa a que é tão familiar o romance como o ensaio biográfico, ressurgirão as curiosas figuras dos autores dos aludidos escritos—a ardente viúva de Junot e o capitão da Brigada Irlandesa que o espírito de aventura chamou a estas paragens.



Em Paris, o sr. Alfred Pereire (Alfredo Pereira), com ascendência portuguesa, descobriu nos arquivos da sua família o crânio do celebre reformador social Saint Simon. Já em 1853 uma viden-

te, que visitou a casa dos pais do sr. Alfred Pereire, lhe havia feito esta estranha declaração:

—Vejo num cofre forte o crânio de um homem de génio. Ignoro o seu nome, mas sei que as suas idéas exercem ainda uma grande influencia no mundo».

Este crânio illustre foi dado ao avô do sr. Alfred Pereire por Alinde Rodrigues—outro apelido português—que protegeu Saint Simon nos últimos dias da sua existência. O despojo foi entregue ao Museu de Historia Natural, onde vai figurar ao lado da caixa craniana de Descartes, que também tem uma historia bastante acidentada.

«Como escreve? —preguntou ha dias «Melle» Yvonne Moresstiers, autora do «Sorriso japonês» à illustre «Madame» Rachilde.

E ela: «Muito simplesmente! Com papel, uma caneta e tinta, da mais ordinária».

Bernard Schaw, a quem fizeram a mesma pergunta, diz que costuma substituir a pena por um lapis.

—Qual a razão? Eis o que respondeu o autor da «Joana de Arc»:

—Enquanto vou afiando o lapis, tenho tempo de reflectir alguns instantes.



Saiu agora, em França, um numero especial sobre «Portugal», editado pela Revista de literatura comparada. Artigos de C. Looten, M. Bazillon, P. Hazard, Hernani Ci-

dade, Le Gentil, J. B. Aquarone e P. Hourcade.

MAQUETE EM GREDA

Uma personagem de Gogol

por Carlos Parreira

Ao Mario Eloi

Não sei agora dizer porque é que vendo aquele homem pela primeira vez, com um fato castanho, incaracterístico, novinho em folha, inda p'ra mais, e um chapéu mole, como outro qualquer, eu exclamei para o meu companheiro:

—Ai vai uma personagem de Gogol! Sentencie isto, nessa tarde dum amarelo-ruivo de platano, adoeceida de todas as coisas evanescentes de outubro—que marca o meu primeiro encontro com ele; e desde então sempre este meu dito espontaneo tem contravindo a não deixar que a figura incaracteristica, com um impessoalissimo fato castanho, me apareça sob outro aspecto, que o de uma criação, como tantas, do mal-sorteado debuxador das *Memorias dum doido* e do *Manteau*.

Curvado, necessariamente curvado...

abespinhado esfuminhamento de momo, que lhe camarinhasse de pressentidos vapores de grotesco o rosto afuzado, onde o vidrilho sujo dos olhos sugeria coalhos de agua verde, em reverberações de laguna mal-sã; ao ter de balbuciar o:—oh, meu Deus! ansioso, aflito, pânico, que reboia pelas fibrilhas dentro de todos os nervos convulsivados, ante os inextricaveis cruentos da vida—não sei que panta-façuda marcialidade, subito o entusiasmo de um automatismo cenico de espadachim.

Que idade terá? Talvez uns sessenta anos.

Mas esse aspecto de velhez alcachinada, que vou dizer que se lhe sobrepõe à cara átona, como uma modelagem de gesso, halucinante de exacto, não lhe virá tanto da «idade avançada», mas da circunstancia especial desses sessenta anos—serem os seus... Ha criaturas que, na verdade, a

feito, de lustrina coçada e beque triste, que absorve, por desfascio, Rocambole...

* * *

O meu pobre homem nasceu já, decerto, com uma alma velha; dessas almas de cousa nenhuma, que parece que o Criador as concebeu com os restos, os bocados sem préstimo, que sobejaram do modelado de outras almas; mais: que tiveram de ser desaproveitados, porque, de contrario, o Santo, que os albergasse *tambem* no todo plastico da sua estrutura, ah!, não poderia ser completamente, um Santo; o Genio, que os consubstanciasse na sarça magnifica do seu «eu», claudicaria em destemperos misérrimos de parafraseador para surdos-mudos; o Herói, que os incluísse no bronze excelso do seu *vulto*, veria refractar-se em halo de escabeche a corôa de louros, que bem-mereceriam os seus feitos...

... Nasceu com uma alma de bocados sem préstimo!

Dai o «novo em folha» do seu fato não ter a nitidez das andainas que re-luzem dum fresco á-vontade, quando são bainha de corpos apolíneos, apurando a flexuosa vertical da sua soberbia.

E é, talvez, o disparate, resultante do apurado da indumentaria a envolver esse fantoche bambo, com todas as anquilosos do ridiculo, que torna a figura *mais* velha; que a apandilha de gistas merencorias, onde apetece pespegar o rabo-leva das chufas soezes, dos *sobriquets* escorrendo o corrosivo humor da Rua...

Ao lusco-fusco, quando a sombra transforma em cenários as ruelas mais banais, e quinas de predios, silhuetas esgrouviadas de candieiros, as fontes dos largos e praças, onde parece que ha sempre um ruge-ruge de agua, tão triste! que é a propria voz do outono, teimando pelo Tempo fora, —dir-se-ia que peroram não sei que monologos tristes, que humilimas queixas, que lazaras confidencias; quando até no olhar das mulheres que passam, tão ininteligente, tão *metalico* de futilidade sob as horas claras, um como que sortilego mundo de coisas sensíveis, amovíveis, *simples*, surge e sussurra a cavatina lunar do mais perolado encanto, transformando-as, de Evas solertes, de inconsequentes bonecas perluxosas, em Musas compreensivas, mixtos de sócores com sollicitudes poeticas de companheiras, —ao lusco-fusco era quando, geralmente, ele aparecia.

Com a marcha insegura, tendo a carregar-lhe sobre os ombros, como farrapanas lutosas, todo o *dramatico* desse lento sossobrar das coisas na noite —era como que o comentario de flauta, em exilios magoadissimos de sons, na grande orquestra do Escuro, que alastrava e invadia tudo, sobrepondo rolos de angustia a rolos de angustia.

Queria, ás vezes, segui-lo. Descobrir que alfurja, que subterraneo, que fojo de bicho, que imundicia de *ghetto* é que abrigaria aquele homem... Como seria ele, entre o desconforto salitroso das quatro paredes do seu buraco? Que invectivas teria contra a Vida?

E dai quem sabe se não sou eu que o dramatizo?!

Ah, é bem possivel que o incaracteristico fato castanho embrulhe um bom-senhor sem historia. E' bem possivel... Sim, porque ha-de aquele chapéu mole, como outro qualquer, ser tejadilho duma existencia com romance?!

Embora!

Bem me importa que ele não seja verdadeiro com o tipo que eu construí, servindo-me, apenas, destes três pormenores: um fato castanho, um chapéu mole e uma figura de homem curvado, que pode ter a etiqueta social dum *Senhor Quêjas*, ou dum *Senhor Mendes*!

Eh! nós não somos nós. Somos a opinião que os outros têm a nosso respeito. Não somos seres autonomos, integros, apenas de carne e osso...

Não somos mais, afinal, do que a projecção de suposições!



(Desenho de Mario Eloy)

Com uma mascara aguda, toda em linhas duras, reforçadas de gravidade, que, não se sabe porque, em vez de infundir respeito, *como seria fisio-nomicamente logico*, só desperta mal-estar, ou indiferença.

E' que essa assembléa de traços dir-se-ia que não coincide; que qualquer coisa a estramalha do seu ponto harmonico de conjunção.

E' como se uma *Força* perversa, um demiurgo maligno se entretivesse, subrepticamente, a insinuar-lhe nos musculos do riso toda essa substancia ácida, com que são feitas as lagrimas; a sobressaltar de *secousses* electricas de bravura os escavamentos lividos, onde se embusca o incoercível pelitrapo do medo...; de maneira que ao querer exprimir a *felicidade nervosa*, essa especie de lirismo pollicular, que esparzem nas almas, certas manhãs, por exemplo, dignas de serem cantadas por Virgilio, todas em diafaneidade, em que o azul é, de *facio*, uma *benção de Deus*, ele não pudesse encontrar mais do que um somitico virgulamento de esgare, um

gente tem de decidir que nunca foram novas.

Não as concebemos de calção e bibe ao vento, perseguindo — estridulas duma porfia, retininte de impetos — no ouro-azul de laca, das manilhas olorosas de maio zig-zagues ilógicos de borboletas; não as imaginamos, com os seus anelados cabelos de *baby*, cintilas de sonho, alongando de extase as pupilas — mordidas da toxica fascinação do plenilunio, a de-sejarem poeticamente hiperboreas castelãs de Walter Scott; a *verem-se* sentados com elas, em *plants* duma tapeçaria antiga, na esplanada de velhos castelos, em imobilidades friorentas, ritmadas finamente por um arfar tenuissimo de arminhos, enquanto, perto, o *Terra Nova* põe no conturbado silencio, a sua rubrica de raça, como um hieroglifo de assinatura ao canto dum quadro celebre; não achamos possivel que tivessem berrado e pulado, talqualmente se *berra e se pula, quando se é criança*, na estouvancia dos patios de recreio, sem fazer caso da presença do pre-

Mundo áparte

Tudo o que vibra e canta na alegria da minha carne moça e perturbante; tudo o que em mim é febre alucinante e plenitude e ritmica harmonia;

tudo o que a Vida me revela e cria: Beleza, Amor e Gloria triunfante, (e a Luta e o Sonho!) tudo, num instante de amargura, se afasta, se anuvia...

Outro Ser que ha em mim e cegamente me conduz através do labirinto dum mundo que eu criei intimamente

fala mais alto do que eu propria falo —absoluto Senhor do meu instinto que fez também meu coração vassalo.

ARMINDA GONÇALVES

CARLOS PARREIRA

OS LIVROS DA SEMANA

DESPORTO, JOGO E ARTE

por SILVIO LIMA

Qual é a verdadeira característica do ensaio? Se me não engano, escrevi em tempos que o ensaio se me afigurava um genero novo na literatura portuguesa e Antero de Quental um dos seus primeiros cultores nacionais. Mais: insinuava que talvez o ensaísta fosse uma especie de artista incompleto. Mas, pensando melhor, perguntarei: não é característica de grande parte da literatura moderna uma especie de espirito de ensaio? Se evocarmos a obra de alguns dos mais importantes escritores contemporaneos, não teremos dificuldade em encontrar nela essa especie de espirito de especulação—espirito de *ensaidor*—que é a melhor característica de todo o ensaio. De facto, os romances de Proust ou de Huxley, os poemas de Valéry ou de T. S. Eliot, o teatro de Pirandello ou de Cocteau—porque não a musica de Strawinsky ou a pintura de Picasso—são obras geradas sob um mesmo signo: o signo da experiencia estetica.

Ha realmente uma cousa a que não é possível fugir: todos os grandes artistas contemporaneos são homens altamente inteligentes. E' certo não haver nenhum grande artista de qualquer tempo que o não tenha sido. Mas hoje a intelligencia do artista tem uma fisionomia particular. A intelligencia dos grandes artistas contemporaneos é de estrutura critica. Quere dizer, não é uma intelligencia meramente compreensiva, mas uma intelligencia essencialmente discriminativa. Dir-se-á que os grandes artistas contemporaneos medem e ponderam a sua propria qualidade de artistas, não se deixando dominar exclusivamente pela natureza infalivel da sua arte. Todos, mais ou menos, procuram medir e calcular a natureza dessa infalibilidade.

Evidentemente que esta curiosidade do artista em investigar a natureza dos seus proprios recursos não é invenção moderna. Todo o trabalhador gosta de conhecer as *manhas* do seu officio. Quem ignorará as tão profundas meditações de Flaubert sobre o seu proprio mister de omancista disseminadas por tantas das suas cartas incomparaveis? Mas o que caracteriza a intelligencia critica contemporanea é outra cousa. E' o tal *espirito de ensaidor*.

Na verdade, os artistas contemporaneos—principalmente os escritores—trazem, muitas vezes, para a sua propria obra de criadores as suas preocupações de criticos. Por isso nessas obras se reflectem muitas vezes, a par dos desdobramentos liricos ou dramaticos da obra, as apreensões criticas que assediam os proprios escritores enquanto deles a obra se vai desprendendo.

Quere isto dizer que os artistas contemporaneos sejam menos dotados de genio criador que os seus antepassados? Será o ensaio uma especie de auto-defesa dos escritores contemporaneos contra uma carencia manifesta desse genio criador? Talvez sim e talvez não. O certo é que se não pode ser ensaísta sem uma certa sensibilidade. Dir-se-á que o ensaio é assim como que obra de sensibilidades incompletas. O que não quere dizer que todos os ensaístas sejam homens de sensibilidade ou homens de sensibilidade incompleta. Não é Thomas Mann um ensaísta? Não é a sua *Montanha Magica* um ensaio—o mais completo e mais rico ensaio que em nossos dias se escreveu sobre todos os problemas capitais do nosso tempo, desde o da tuberculose até ao da relatividade? Mas poder-se-á tomar Thomas Mann por uma sensibilidade incompleta?

E um Ortega y Gasset? Será o autor das *Meditaciones del Quijote* uma sensibilidade incompleta? Ou não será, antes, uma sensibilidade particular? Não será o ensaísta uma especie de filosofo sem sistema? Não será o ensaísta a consagração do pensar a-sistemático? Mas não é o pensar a-sistemático denuncia de um pensar corrompido pela sensibilidade?

Eis como pendemos a acreditar que o ensaio é um genero característico de uma forma particular de mentalidade. No nosso tempo tentou-se, suponho que pela primeira vez, fazer da sensibilidade o ponto de partida do pensamento. Isto é: pela primeira vez se tentou conhecer deliberadamente pela intuição, sem lhe dar, no entanto, o primeiro lugar no drama do conhecimento. Admitindo a existencia de essencias, anteriores ao pensamento, pensaram os fenomenologistas que o unico meio de atingir essas essencias era a intuição directa delas. Pelo que se generalizou uma maneira muito particular de conhecer: deixar-se penetrar pela essencia das cousas e reflectir depois sobre a intuição inicial. Ora não estará aqui a origem da generalização do espirito de ensaio? Não será ensaísta todo aquele que parte da intuição para a reflexão? Não serão as naturezas sensíveis que melhor se adaptam ao conhecimento intuitivista?

* * *

Silvio Lima, depois do livro *Ensaio sobre o Desporto* publicado o ano passado, obra

sobre a qual aqui escrevemos algumas palavras apressadas, volta agora ao mesmo tema com um novo volume: *Desporto, Jogo e Arte* (Livreria Civilização—Editora).

Dos seis ensaios de que este volume se compõe um nos merece attenção particular. Não só por nele sermos directamente visados, mas porque o problema nele posto é de grande importancia. Não quere isto dizer que seja esse o ensaio mais importante do livro. O ensaio *Desporto e experiencia na idade-media* é muito bem escrito. *Desporto e Ascese* põe também um problema subtil. Mas a idéa que preside a todos estes ensaios é a mesma: Silvio Lima vê no desporto um meio de alargamento da condição humana. Como bom humanista, o homem aparece a Silvia Lima centro do mundo. Eis no que estamos de acôrdo. Mas, por vezes, afigura-se-nos que Silvio Lima vê o desporto por um prisma excessivamente abstracto. Levamos a pensar que o desporto se lhe apresenta como um mero tema—um estimulante intelectual. Não ha outra explicação para o facto de ele afirmar que o desportista «combate a rotina em geral, a superstição, a decadencia moral e fisica...». O verdadeiro desportista frisa Silvia Lima. Mas que cousa é um verdadeiro desportista? Uma abstracção, naturalmente. Parece-me, pois, que o desporto e o desportista de que Silvio Lima se occupa são entidades ideais.

No ensaio *Arte e jogo, jogo e arte* procura Silvia Lima explicar as afinidades entre jogo e arte. Pergunta, mesmo, se se poderá considerar a arte como um jogo. E a sua exposição é subtil e criteriosa. Reconhecendo embora os muitos pontos de contacto entre as duas, Silvio Lima reconhece que a arte transcende o jogo; ha nela alguma cousa mais do que jogo; e essa cousa mais (que não é a mais) é a arte. Ora quantos fosse licito perguntar-se se teria havido necessidade de um tão intelligente labor para se chegar á conclusão de que a arte não é jogo, estamos prontos a declarar que concordamos com as conclusões de Silvio Lima. Mais: concordamos, mesmo, que ensaio é esta como que experimentação (experiencia) de idéas. Temos de considerar, pois, a obra de Silvia Lima como um verdadeiro ensaio: um modelo do genero. Restar-nos-á, porém, uma duvida: ocorreria a um esteticista a pergunta de Silvio Lima. Isto é: perguntar-se-ia um esteticista se a arte é jogo? Parece-me

que esta interrogação não mereceria grandes cuidados a uma intelligencia bem penetrada da essencia da arte. Uma intelligencia sensível ao fenomeno estetico sabe que se não podem confundir arte e jogo. Pelo contrario—consideram-se cousas radicalmente opostas. Arte é criação, jogo interpretação. Arte é necessidade, jogo capricho. O verdadeiro artista é um escravo do temperamento: a sua obra é o produto de uma necessidade. Um artista exprime-se porque não pode deixar de se exprimir. O jogador—o desportista—age livremente. O jogo é uma actividade superflua e facultativa. Por isso se costuma chamar *dilettante* áquele que faz da arte um jogo.

Mas Silvio Lima demora-se no estudo da arte e da sua utilidade. Estabelece distincção entre *interesse material ou economico* e *interesse psicologico*. Baseado nessa distincção, entende ser erroneo afirmar-se, como eu affirmei, que um artista—um bailarino, no caso discutido—executa uma actividade completamente desinteressada. Diz Silvio Lima que efectivamente o bailarino não dança por lucro, mas que psicologicamente a sua actividade é interessada—«dança pelo interesse de acompanhar a melodia». Creio não se poder discurdar de Silvio Lima. Simplesmente ha aqui confusão entre *interesse particular e interesse geral*. Eu referia-me a interesse geral, não a interesse particular. Claro que o artista realiza sempre um interesse particular ou individual: põe a sua personalidade de acôrdo com o seu destino. Deste ponto de vista, não ha actividade alguma desinteressada. Até a santidade será uma actividade interessada e o proprio martirio a realização de um interesse. A realização da predisposição psicologica do martir para o sacrificio tem caracter interesseiro.

Ora eu entendia que a actividade do bailarino era desinteressada, porque o bailarino não aspira a uma recompensa exterior: nem mesmo á recompensa da admiração. Isadora Duncan dançando só, nua, em frente do Partenon, como refere Silvio Lima, era indifferente a qualquer beneficio exterior: nem espectadores tinha. Ora é neste sentido que eu entendo que a arte é desinteressada: o artista não aspira a outra recompensa além daquella que obtém cumprindo o fado. Suponho ter-me feito compreender agora. Se o não consegui, a culpa é das palavras.

Mas Silvio Lima pretende também desfazer

28 DE JANEIRO DE 1522

Camões e a astrologia

(Continuação da 1.ª pagina)

«As deducções que levaram á data de 27-1-1522 para o nascimento do poeta, fundam-se na suposição de que, no vocabulario de Camões fortuna queria dizer Saturno...» (Manuel de Maia Pinto, in «Diário de Lisboa»)!!!!

Era uma vez um inglês, numa caruagem do caminho de ferro do Estoril. Ao lado, a mala, occupava o lugar dum passageiro, que ia de pé. Mas o inglês, nem por delicadeza, nem por censuras, retirava a mala para o passageiro se sentar. O caso deu que falar, houve grandes indignações, gastou-se muita palavra e gestos e, certamente ia-se gastar muita tinta, quando o revisor acudiu: Retire imediatamente a sua mala! O inglês: Não é minha!

E os passageiros fizeram uma brilhante figura—como a que estão fazendo estes passageiros da Ciencia.

Ai têm, pois, o resultado das pressas; não obstante estar convencido de que mesmo sem pressas o resultado seria o mesmo!

Ora estudem, convenientemente, se têm disposição mental para isso, e depois apareçam.

Daquelles breves artigos «Camões astrologico» assinados, Ricardo Jorge, não se lhes aproveita migalha; são duma esterilidade repugnante. Resalvemos, todavia, uma pequena lição filologica na qual nos ensina que certo após é bunda, e não deve ser após a frase, mas a frase após! Concedemos; isto de palavras é com ele... as idéas com outros.

D. Augusta Gersão tem de astrolo-

gia uns vagos conhecimentos literarios que desta ciencia lhe concedem tanto, quanto um bocado de francês e um bocado de piano podem servir de prenda de salão. Confunde tudo. Confunde conjunção astrologica com conjunção astronómica, nem sequer suspeitando que *combustão* seja um caso particular de conjunção astrologica, com o Sol. Não sabendo que a conjunção com o Sol já começa á distancia de 15°, e a combustão á de 12°; e, que, portanto, a idéa de combustão cabe, bem, á vontade, dentro da de conjunção. Confunde—sem intuição alguma de ciencia astrologica—o que seja necessario para uma prognosticação dos tempos com o que seja necessario para uma prognosticação de nascolimento. Confunde—o que não faria qualquer principiante—a idéa de *jungão*, num signo, com a de *conjunção*. Enfim, percebe-se, á legua, que sabe tudo o que é preciso para se saber astrologia, falando-lhe, apenas, este pormenorzinho quasi insignificante: Saber a dita.

Vê-se, também, que acreditou naquella boa piada dum elogio que ministrou a habil dum lisongeiro cujo fibo era criar uma autoridade para servir de estalo á sua vacuidade e ignorancia, pelo velho principio de que duas negativas prefazem, de qualquer modo, uma afirmativa.

MARIO SAA

Nota:—Segue-se *Camões saturnino*, para a demonstração do nascimento de Camões em 28 de Janeiro de 1522. Depois se seguirá a prova historica, felizmente encontrada.

o meu equívoco acerca da inutilidade da arte. Talvez tenha chegado a ocasião de eu me explicar melhor sobre uma afirmação que me tem merecido varias criticas. Diz Silvio Lima que ha um erro em considerar-se inutil a arte pois a arte é util ao proprio artista. «...a arte serve (psicologicamente) o artista» escreve Silvio Lima «como a ciencia serve o sábio, a religião serve o crente, o amor serve o amante. Servir aqui quere dizer: satisfaz um interesse ou necessidade psicologicos; se satisfaz, se serve é então *util*; pois não serão uteis a musica de Wagner ao proprio Wagner, o romance de Dostoiwsky ao proprio Dostoiwsky?». Com effeito. Mas aí estamos nós outra vez descontrados por causa das palavras. Isto que Silvio Lima afirma é tão evidente que se me afigura inutil affirmá-lo. Positivamente que a arte é util a quem a exerce. Mas a questão é outra. O que se pergunta é se a actividade do artista é util aos outros. O raciocinio de Silvio Lima pode levar-nos a perigosas conclusões. Pois não será util ao assassino a perpetração de um crime? Matando, o assassino *satisfaz um interesse ou necessidade psicologicos*. Pois não é assim? Mas quem se lembrará de indentificar esta utilidade meramente individual com a utilidade social? Ora o certo é que eu também não considero inutil a arte. Mas por outras razoes. Entendo que o artista deve ser inteiramente livre na expressão da sua personalidade; por isso pude pensar que a arte era inutil em si mesma. Pensei pior: pensei que era immoral. Para as sociedades humanas o util individual é muitas vezes contrario ao util colectivo, quando não é mesmo sempre contrario. Era pois do ponto de vista da sociedade que eu affirmava ser a arte inutil. Do ponto de vista individual—isto é, do ponto de vista da cultura, que é sempre de raiz individual—eu bem sei que a arte é util: util para o artista e para quem na sua obra precisa de comunicar. Seja qual for a mensagem do artista, a sua palavra derrama-se nas almas profundas como um licor. E' o artista quem abre os olhos cegos do homem. Ora individualmente é bom ter os olhos abertos. Colectivamente, não. Nem tudo que beneficia o individuo é benéfico á sociedade. O homem pode pensar como Goethe: «Entre nós há muito quem recuse ver o vicio tal qual é. Mas haverá alguma coisa de mais trágico e de mais efficaç do que o que nos é intoleravel?». A sociedade já não pensa assim. A sociedade gosta de praticar o vicio mas não que lho mostrem. Eis por que os artistas são uteis aos individuos e inúteis qu indesejáveis ás sociedades.

Há ainda outro ponto da muito bem urdida tecitura de raciocinios pelos quais Silvio Lima chega ás conclusões do seu ensaio que me parece digno de comentario. viário Lima vê e muito bem que na arte há um elemento que falta ao jogo: a perdurabilidade. Mas o facto de haver artes fugazes como a dança, a eloquencia, a interpretação teatral, etc. leva-o a estabelecer distincção entre *perdurabilidade material* e *perdurabilidade intrinseca* da arte. Segundo Silvio Lima não é o facto de se poder fixar materialmente a expressão de uma arte que a caracteriza como arte. Não é a escrita que dá o caracter de arte á literatura, não é a pedra que dá o caracter de arte á escultura. O que lhes confere essa qualidade é outra especie de perdurabilidade: «a arte que se esgota no momento não deixou de ser arte», escreve Silvio Lima «se arte foi no seu exercicio». Ora quere-me parecer que escapou aqui a Silvio Lima um aspecto muito curioso do problema da arte. A verdade é que ha uma diferença essencial entre arte que perdura materialmente e arte cuja natureza é ser momentanea. Mas no meu entender só merecem o nome de arte, no seu sentido verdadeiro e total, as artes que se fixam—que se traduzem imediatamente em expressão material. Só me parece merecerem o nome de arte—arte criadora:—a literatura, a escultura, a pintura, a musica e todas aquelas artes, enfim, em que ha uma fixação definitiva do fluxo criador numa materia perdurável. A dança, a representação teatral, a execução musical são, quanto a mim: artes interpretativas. Não pode haver dança sem um texto musical (se há improvisação, mas é preciso que a improvisação se concretize), não pode haver actores sem um texto teatral, não pode haver virtuosos sem partitura. O bailarino, o actor e o virtuoso são meros interpretes. A sua actividade é subsidiária. A verdadeira arte é aquella que se fixa. E aqui, como se vê, também não estou de acôrdo com Silvio Lima. O acto material de fixar a inspiração criadora é importantissimo. Arte que se não fixou não é arte. E' o proprio acto de fixação material da expressão que confere a essa mesma expressão o caracter de arte. O que importa não é sentir emoções estéticas—é fixá-las. O que importa é ter o segredo pelo qual se pode dar aos outros a possibilidade misteriosa de ascender ao absoluto fixado numa obra de arte. A verdadeira arte é uma victoria sobre o movente. Dar eternidade ao instante—eis a verdadeira essencia da arte.

JOÃO GASPAR CIMÕES